

# Flores do Campo

João de Deus

*Free*editorial 

## EMBLEMA

### Camões e Byron—Scepticismo e Crença

Vem d'alto gozar, lirio!  
Noite estrellada e tepida;  
A vista ao céo intrepida  
Lança, penetra o Empyreo.

Dilata os seios tumidos;  
Larga este terreo albergue;  
Nas azas d'alma te ergue;  
Ergue os teus olhos humidos

Que vês?—Soes, de tal sorte  
Que os crêra tochas pallidas,  
Quando as guedelhas, medidas  
De sangue, arrasta a morte.

—Transpõe-n'os; que, elevando-te,  
Por cada um d'aquelles,  
Milhões e milhões d'elles  
Verás alumando-te.

Ávante pois, acima  
Dos soes d'uma luz tremula;  
Alma dos anjos emula!  
Deus o teu vôo anima.

Que vês?—Um vacuo eterno.  
—E n'elle?—Em ermo tumulo,  
Em ignea letra (cumulo  
D'horror) *Byron*—o inferno.

—Foge.—O horror fascina-me.  
São reprobos que exalam  
Horridos ais que abalam  
O inferno: oh Deus! anima-me.

—Escuta-os.—Escutemol-os.  
Como elles bramem, rugem,  
E o espaço uivando estrugem...  
Gelam-se os membros tremulos.

—Entra.—Não posso.—Arromba.  
—Prohibem-m'o.—Subleva-te.  
—Prohibe-o Deus.—Eleva-te.  
Acima, ingenua pomba!

Que vês? A luz clareia-me.  
Que céo, que azul ethereo!  
Oh extasi, oh mysterio!  
Sobeja a vida, aneia-me.

—Falla.—Deus! que harmonia!  
Aqui a alma exalta-se;  
A alma aqui dilata-se...  
*Camões!*—É a poesia.

Coimbra.

### A UMA CARTA ANONYMA

Não sabe a flôr quem manda a luz do dia,  
Nem quem lhe esparge o nectar que a deleita  
    Ao vir raiando a aurora,  
E ella agradece as lagrimas que aceita,  
E ella as converte em balsamos que envia  
    Ao mysterio, que adora.

LAMARTINE.

Coimbra.

### DUAS ROSAS

Que bonita, meu amor!  
Que perfeita, que formosa!  
A ti pozeram-te Rosa,  
Não te fizeram favor.  
A rosa, quem ha que a veja  
Bandeando, sem gostar?

Mas por mais linda que seja  
A rosa, quando se embala,  
Não te ganha nem iguala  
A ti em indo a andar.

A rosa tem linda côr,  
Não ha flôr de côr mais linda;  
Mas a tua côr ainda  
É mais fina e é melhor.  
Murcha a rosa (que desgosto!)  
Só de lhe a gente bulir;  
E essas rosas do teu rosto  
É em alguém te tocando  
Que parece mesmo quando  
Ellas acabam de abrir.

Cheiro, o da rosa, esse não,  
Não é mais do meu agrado,  
Que o teu bafo perfumado,  
A tua respiração.  
Depois a rosa em abrindo  
Vai-se-lhe o cheiro tambem:  
A tua bocca em te rindo  
Só o bom cheiro que exhala...  
E quando fallas, a falla,  
Isso é que a rosa não tem.

Ella o que tem, meu amor?  
O cheiro, a côr e mais nada.  
Confessa, rosa animada!  
Que és outra casta de flôr.  
Os olhos só elles valem  
Duas estrellas, bem vês;  
Pois vozes que a tua igualem  
Na doçura, na pureza,  
Na terra, não, com certeza;  
Agora no céo, talvez.

Não ha assim perfeição,  
Não ha nada tão perfeito,  
Mas é um grande defeito

O de não ter coração.  
N'isso é que te leva a palma  
A rosa, sendo uma flôr  
—Sem voz, sem vida, sem alma,  
Que abre logo á luz da aurora  
E á noite esconde-se e chora  
Pelo sol, o seu amor.

Ora e se a rosa, vê bem,  
Tem amor, não tendo vida,  
Será coisa permittida  
Tu não amares ninguém?  
Suppões que Deus te agradece  
Essa isenção, minha flôr!  
Deus a ninguém reconhece  
Por filho senão quem ama:  
A terra e o céu proclama  
Que elle é todo puro amor.

Messines.

## A UMA MULHER

Amo-te a ti, e a Deus.  
Teus sonhos são riquezas  
Talvez e fasto. Os meus,  
És tu, que me desprezas.

Deixal-o. Amor acaso  
É racional? Não é.  
O fogo em que me abraço  
É como a luz da fé;

Que além de cega, apaga  
O facho da razão.  
Ama-se e não se indaga  
Se se é amado ou não.

Amo-te. O mais ignoro.  
Mas os meus ternos ais  
E as lagrimas que chóro  
Podem dizer o mais.

Que choro; se te admira.  
Nunca tiveste amor.  
Quem tem amor, suspira,  
E o suspirar é dôr.

Ah! quando abraço e beijo  
O travesseiro e, assim,  
Acórdo e te não vejo,  
Vejo-me só a mim;

Não sei, mulher! que aneio  
Se me traduz n'um ai!  
Confrange-se-me o seio,  
Rebenta o pranto e cáí.

Então, se por encanto  
Fallando em ti, mas só,  
Todo banhado em pranto  
Me visses, tinhas dó.

Tinhas. A piedade  
É filha da mulher,  
Que sempre quiz metade  
D'uma afflicção qualquer.

Havia ao teu rosto  
De me apertar a mim,  
D'encher, fartar de gosto,  
Todo este abysmo; sim.

Vós desprezaes embora  
Culto e adoração  
De quem vos ama; agora  
As dôres, essas não.

Messines.

**A D. CANDIDA NAZARETH**

**Por ocasião da morte de sua irmã Rachel e, poucos dias depois, de sua mãe**

Despe o luto da tua soledade  
E vem junto de mim, lírio esquecido  
Do orvalho do céu!  
Tens nos meus olhos pranto de piedade,  
E se és, mulher! irmã dos que hão soffrido,  
Mulher! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe  
Quem de lagrimas suas nunca enxuto  
Possa as d'outro enxugar:  
Não póde allivios dar quem vive triste,  
Mas é-me dôce a mim chorar se escuto  
Alguem tambem chorar.

Botão de rosa murcho á luz da aurora!  
Que peccado equilibra o teu martyrio  
Na balança de Deus?  
Se é como justo e bom que elle se adora  
Quem te ha mudado a ti, ó rosa! em lírio,  
E em lírio os labios teus?

Não enche elle de balsamos o calix  
Da flôr a mais humilde, e esses espaços  
Não enche elle de luz?  
Não veio o Filho seu, lírio dos valles!  
Só por amor de nós tomar nos braços  
Os braços d'uma cruz?

Mulher, mulher! quando eu n'um cemiterio  
Levanto o pó dos tumulos sósinho:  
Eis, digo, eis o que eu sou.  
Mas quando penso bem n'esse mysterio  
Da virtude infeliz: vai teu caminho;  
Dois mundos Deus creou.

Deus não dispara a setta envenenada  
Á pombinha que aos ares despedira  
Com mão traidora e vil.  
Imagem sua, Deus não volve ao nada,  
Não aniquila a flôr que ao chão cahira  
Lá d'esse eterno abril.

Has-de, cysne! expirando alçar teu canto,  
Has-de lá quando a lua da montanha  
Te acene o extremo adeus,  
Voar, Candida! ao céu, e ebria de encanto,

No oceano d'amor que as almas banha,  
Unir teu canto aos seus.

Seus, d'ellas, mãe e irmã, cinzas cobertas  
D'um só jacto de terra... oh desventura!  
Oh destino cruel!  
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas  
Guiando-se uma á outra á sepultura,  
E a mãe: Rachel! Rachel!

Coimbra.

## AMOR

Amo-te muito, muito.  
Reluz-me o paraiso  
N'um teu olhar fortuito,  
N'um teu fugaz sorriso.

Quando em silencio finges  
Que um beijo foi furtado  
E o rosto desmaiado  
De côr de rosa tinges;

Dir-se-ha que a rosa deve  
Assim ficar com pejo,  
Quando a furtar-lhe um beijo  
O zephyro se atreve;

E ás vezes que te assalta  
Não sei que idéa, joven!  
Que o rosto se te esmalta  
De lagrimas que chovem;

Que fogo é que em ti lavra  
E as forças te aniquila,  
Que choras, mas tranquilla,  
E nem uma palavra?

Oh! se essa mudez tua  
É como a que eu conservo,

Lá quando á noite observo  
O que no céo fluctua;

Ou quando, á luz que adoro,  
Ás horas do infinito,  
Nas rochas de granito  
Os braços cruzo e choro;

Amamo-nos... Não cabe  
Em nossa pobre lingua  
O que a alma sente, á mingua  
De voz, que só Deus sabe.

Coimbra.

### **A DONZELLA E O MUSGO**

Um dia, não sei que eu tinha...  
Uma tristeza tamanha!  
E lembra-me ir á montanha,  
Que temos aqui vizinha,  
Onde em tempo me entretinha  
Horas e horas sósinha  
Quando ainda se não estranha  
Que n'uma teia de aranha  
Se prenda uma innocentinha,  
Ou atraz d'uma avesinha  
Se cance a vêr se a apanha.

Depois é que o mundo falla  
E se mette com a vida  
De quem ás vezes se cala  
Por ser mais bem procedida.  
Que esta gente que faz gala  
Em coisa, que vê, contal-a,  
E sendo mal permittida  
Inda em cima acrescental-a,  
Teem a lingua comprida  
E bem deviam cortal-a.

Vou pelo córrego acima,  
Subo á ponta do penedo;  
Que a vida só quem a estima  
É que da morte tem medo.  
A mesma tristeza anima  
A encarar a pé quedo  
A morte que se aproxima  
A tirar-nos do degredo,  
Que inda a gente se lastima  
De não acabar mais cedo.

E alli sósinha chorando  
Me lembrava, ora a ventura  
Da minha infancia, inda quando  
Levava os dias brincando;  
Ora a desgraça futura,  
Que me estava anunciando  
Não sei se a minha amargura,  
Se uma nuvem, grande e escura,  
Que se ia no ar formando  
E vinha já avançando,  
Como que á minha procura.

E ainda o pranto corria  
E o cabelo me batia  
No rosto, que me doía,  
Tal era a força do vento;  
Já tudo tão pardacento  
A nevoa e chuva fazia  
Que eu olhava, mas dizia:  
É nuvem ou penedia  
Aquelle vulto cinzento?  
O mar brilhante algum dia  
Como prata luzidia  
Já ninguem o distinguia  
Da terra e do firmamento:  
Uivar só é que se ouvia,  
Mas uivar sem sentimento;  
E como em grande tormento  
Se desvaira a phantasia:  
—Fosse eu mar, disse; valia  
Mais ser coisa bruta e fria,  
Como a rocha onde me sento.

Faz um trovão no momento  
Que soltava esta heresia;  
E áquella rouca harmonia

Occorre-me um pensamento,  
Que me dá uma pancada  
O coração de tal modo,  
Como se o rochedo todo  
Desandasse na chapada.

Era a voz da consciencia  
Que me accusava do crime  
De negar á Providencia  
A razão com que me opprime.  
Peço perdão, commovi-me  
E n'um extasi sublime  
Lgrimas de penitencia,  
Como um balsamo, uma essencia,  
Purificam-me e senti-me  
Com uma nova existencia.

Ólho; as nuvens esvaíam-se:  
Os roncós do mar ouviam-se,  
Mas já mais de espaço a espaço.  
O sol ainda tão baço,  
De luz tão pouco brilhante,  
Que se media a compasso  
Como a cara d'um gigante,  
Descobre-se e resplandece!  
Ao longe o mar apparece;  
E tudo, mar, terra e céos  
Tão formoso me parece,  
Como se agora tivesse  
Sahido das mãos de Deus!

No rochedo onde descança  
Meu corpo desfallecido,  
O verde musgo, vestido  
Sempre da côr da esperanza,  
Agora reverdecido,  
Me ensina a ter confiança  
N'esse que do céu nos lança  
Em dia tempestuoso,  
Só para nosso repouso  
O arco da alliança.

Pobre musgo, descuidado,  
Sem olhos para chorar,  
Sem poder alliviar  
Com seu pranto um desgraçado,  
Consolar-se e consolar!

Fallas mais a meu agrado  
Que o livro mais afamado  
D'esses livros, que em lugar  
De nos dar consolação,  
Nos fazem cahir no chão  
Um pranto mal empregado,  
E inda mais amargurado  
Nos deixam o coração.

Colhi-o, pul-o no seio,  
E é hoje o livro que leio.

Messines.

### ULTIMO ADEUS

Prestes, se inda na rocha de granito  
D'onde em tempo me vias te sentares,  
Não olhes para a terra ou para os mares,  
Olha sim para o céu, que é lá que habito.

Lá tão longe de ti, mas não do terno,  
Bondoso pai que os dois nos ha gerado,  
Só para mágoas não, que bem guardado  
Nos tem tambem no céu prazer eterno.

Não se é só pó no fim de tanta mágoa.  
Senão, diga-me alguém que allivio é este  
Que sinto, quando á abobada celeste  
Alevanto os meus olhos rasos d'agua.

Mentem os céos tambem? Os céos maldigo.  
Feras, tigres, tambem o céu povôam?  
Tambem os labios lá sorrindo côam  
Veneno desleal em beijo amigo?

Mas na dôr é que os astros nos sorriem,  
E os homens não sorriem na desdita.  
Astros! fio-me em vós, e Deus permitta  
Que os infelizes sempre em vós se fiem.

Intima voz do fundo, bem do fundo  
D'alma me diz (e as lagrimas me saltam):  
Vês os milhões de soes que o espaço esmaltam?  
Pisa a terra a teus pés, inda ha mais mundo.

Ha depois d'esta vida inda outra vida.  
Não se reduz a nada um grão d'arêa,  
E havia de a nossa alma, a nossa idéa  
Nas ruinas do pó ficar perdida?

—Isso que pensa e quer (até me admiro),  
Isso que a luz nos traz, que a luz nos leva,  
Isso que me abre o céo que ao céo me eleva  
N'um teu cançado olhar, n'um teu suspiro!

Onde, não sei eu bem, mas sei que existe  
Deus remunerador. Depois de mortos  
Hemos de vêr-nos, e um no outro absortos  
Fartar de glorias este amor tão triste.

—Tão triste, e o coração que me adivinha  
N'este supplicio nosso este tormento!  
Nunca dos labios teus minimo alento  
N'um só beijo bebi em vida minha!

E morro sem te vêr! Cabeça doida,  
Desasisado amor! Sonhar afflicto  
Um sonho até morrer... Não: resuscito;  
Morto tenho eu vivido a vida toda.

## ROSAS

Trazeis-me rosas; d'onde as heis trazido,  
Boa velhinha e minha boa amiga?  
Rosas no inverno! permitti que o diga,  
Sois feiticeira: d'onde as heis colhido?

Na primavera de meus annos, ólho,  
Mas vejo abrolhos e não vejo flôres:  
E vós colhêl-as, como as eu não colho...  
Sois feiticeira—enfeitiçaes d'amores.

Enfeitiçaes que a formosura, crêde,  
Não vem da face avelludada e bella;

A formosura vem só d'alma; é d'ella  
Que brota a fonte que nos mata a sêde.

Vós sois velhinha, já não tendes côres  
Que o rosto animem e que os olhos prendam,  
Mas tendes prendas que o amor accendam,  
Tendes ainda no inverno... flôres.

Evora.

## **ROSA E ROSAS**

A Rosa trouxe-me rosas  
E nada mais natural,  
Mas eu prendas tão mimosas  
É que não tenho; inda mal.

Quando tinha, se me dêsse,  
Não digo mais que uma flôr,  
Talvez de flôres lhe enchesse  
Esses cofrinhos d'amor.

Aguas passadas, Rosinha!  
Deixal-o; veja se vê  
N'este chão que já foi vinha  
Coisa que ainda se dê.

Veja e escolha. Está na mesa  
O que ha em casa; é tirar  
—Tirar com toda a franqueza;  
Inda hão-de espinhos sobrar.

Mas se espinhos, mas se abrolhos  
Lhe não agradam, amor!  
Mire-se bem nos meus olhos,  
Que ha-de ahi vêr... uma flôr.

Evora.0

## **A HERMANN**

**Por ocasião d'um beneficio a um asylo**

«Conchega a mãe ao peito o filho caro;  
Estende a pomba as azas no seu ninho  
Pelos filhinhos seus.  
Embala o arbusto agreste; o fructo amaro.  
Guia a bussola o nauta em seu caminho,  
Como um dedo de Deus.

«Bebe a nuvem no mar, no rio a fera;  
Acha o tigre covil na antiga Hyrcania,  
Hoje em dia, Ghilã;  
Renasce a planta á luz da primavera,  
E no calix da flôr gotta espontanea  
Cahe á luz da manhã.

«Só eu no mundo um gosto em vão pretendo:  
Guebro entre os persas, entre os indios pária,  
Judeu entre christãos,  
Só eu de balde ao céo as mãos estendo,  
Como o naufrago á praia solitaria  
De balde estende as mãos.

«Tenho no livro azul onde Elle escreve  
Esse nome, que nunca pronuncia  
Quem bem o soletrou,  
Mil vezes tenho lido que não deve  
Queixar-se mais que a flôr que vive um dia  
Um verme como eu sou.

«Porém, chorando, as mágoas diminuem.  
Custa muito soffrer sem que um gemido  
Ah! solte a nossa dôr.  
E se aos olhos as lagrimas affluem,  
É que este allivio nosso é permittido.  
O céo orvalha a flor.»

Diz isto o orphão. De alma os ais lhe sahem,  
Como os suspiros de harpa eolea em ermo.  
Ninguem no mundo o ouviu.  
Mas, se a teus pés as lagrimas lhe cahem,  
Tocou a mão de Christo a mão do enfermo;  
O Lazaro surgiu.

Por isso, Hermann! espantas-me. Não scismo  
Nos prodigios da milagrosa vara  
Que o Senhor Deus te deu.  
Teu coração, Moysés do christianismo!

Tua alma é que eu admiro, e te invejára  
Se o que é teu... fosse teu.

Coimbra.

## PRESENTIMENTO

Emilia! não vês a lua  
Como vacilla e fluctua,  
Ora avança, ora recúa,  
E não ha passar d'alli?  
Tu és a imagem d'ella;  
És tão sympathica e bella,  
Meiga e tímida, que ao vêl-a  
Me lembra sempre de ti!

Tu és o botão de rosa  
Que abraçado á mãe formosa  
Só folga, só vive e goza  
N'aquella triste união;  
Treme até de ouvir a aragem  
Passar por entre a folhagem:  
Emilia! tu és a imagem  
Do mais tímido botão.

Mas embora: o tempo gira.  
Um dia o botão, que aspira  
O ar da manhã... suspira  
E levanta o collo ao céo:  
Vê vir raiando a aurora,  
Abre o seio á luz que adora,  
Correm-lhe as lagrimas, chora...  
Chora o tempo que perdeu!

Porque elle, Emilia! não teme  
Que a luz da aurora o queime;  
Elle suspira, elle geme  
Por vêr a luz que o creou.  
Nem tambem a lua pára:  
Se algumas vezes repara  
N'uma nuvem menos clara,  
É um momento e... passou.

Não ha existencia alguma  
Que não tenha amor; nenhuma;

Porque o amor é, em summa,  
Essencia de todo o sêr.  
Ha sempre quem nos attráia.  
Mil vezes que a onda cáia,  
Ha uma rocha, uma praia  
Aonde a onda vai ter.

Tu andas já presentida  
D'essa voz que te convida  
A encetar n'esta vida  
Ai! uma vida melhor...  
E em breve desenganada  
D'essa existencia isolada,  
Darás n'alma franca entrada  
A sentimentos de amor!

Silves.

## MARINA

### I

## APPARIÇÃO

Como esse olhar é dôce!  
Dôce da mesma sorte  
Como se nunca fosse  
Toldado pela morte:

Como se alumiasse  
O sol ainda em vida  
As rosas d'essa face...  
Agora carcomida.

Colhesse-as eu mais cedo  
E logo que alvorece;  
Já não tivesse medo  
Que a terra m'as comesse.

Mas pura, como a neve  
Que ás vezes cahe na serra,  
É que a nossa alma deve  
Tambem voar da terra.

Gelasse a morte fria  
A mão profanadora  
Que te ennublasse um dia  
A luz que dás agora.

É n'essa côr tão linda,  
Rosa da madrugada!  
Que sinto a alma ainda  
Andar-me enfeitçada.

Se um dia nos meus braços  
Te desbotasse as côres,  
Passavam os abraços...  
Passavam os amores!

Oh! não: mil vezes antes  
No céo lá onde habitas,  
E os rapidos instantes  
Que vens e me visitas

N'este degredo nosso,  
Que tanta gente estima,  
E eu, só porque não posso,  
Não largo e vou lá cima.

Vem tu cá baixo, abala,  
Deixa em podendo o collo  
Tão terno que te embala,  
E vem-me dar consolo.

Como essa imagem pura  
Ah! sobrevive ao nada  
E escapa á sepultura,  
Tão fresca e perfumada!

Nunca uma noite eu deixe  
De estar a vêr que existes,  
Em quanto me não feche  
O somno os olhos tristes.

E n'esse largo espaço  
Que te não vejo, espero  
Lhe contes o que eu passo  
N'este aspero desterro:

Que assim que te não veja  
É noite fria e escura,  
Noite que mette inveja  
Á mesma sepultura!

## II

### SAUDADE

Em acordando agora,  
O meu contentamento  
É vêr em cada aurora  
Um dia de tormento!

Podesse eu dar-te a prova  
Dos dias que me esperam,  
Lançando-me na cova  
Onde elles te pozeram!

Lançassem-me algum dia  
Ao pé, que de repente  
O coração te havia  
De ainda pular quente...

A face cobrar logo  
A fôrma e côr perdida,  
E a bocca toda fogo  
Ah! inspirar-me a vida!

Supplíca, ó anjo! implora  
Ao Pai universal  
Que me deixe ir embora  
D'este horroroso val

De lagrimas amargas,  
E turvas de tal modo,  
Como umas nuvens largas  
Que tapam o céu todo!

### III

## ETERNIDADE

Inferno e céu, conforme  
A nossa fé, confesso  
Que é um mysterio enorme,  
É um mysterio immenso.

Mas um mysterio é tudo:  
Folhinha d'herva, e estrella,  
Não ha comprehendê-la!  
É contemplal-a mudo.

E a herva, como existe,  
A mim quem m'o diria,  
Se a luz que me alumia  
Nem sabe em que consiste?

Mas uma coisa sabe  
O que a cabeça ignora  
—O coração... que mora  
Em peito onde não cabe.

Ha uma luz mais clara  
Que a luz do pensamento:  
A d'essa imagem cara...  
A d'este sentimento!

#### IV

#### ... 21 DE SETEMBRO

Ha uma hora ou mais,  
Marina! que contemplo  
A casa de teus paes  
Que é para mim um templo.

Está a porta aberta,  
E vejo alumiada  
A parte descoberta  
Da casa da entrada.

Lá andam a passar  
Do quarto onde acabaste  
Á casa de jantar  
Os vultos, que deixaste.

Os vultos, que os vestidos  
Tão negros que pozeram,  
De luto, tão compridos,  
Não sei que ar lhes deram!

A tua bella irmã,  
A tua piedade,  
A rosa da manhã,  
A flôr da mocidade,

Quem lhe diria a ella,  
Tão cheia de alegria,  
Que havíamos de vê-la  
Assim já hoje em dia!

É esta vida um mar,  
E bem se póde a gente,

Marina! comparar  
A rapida corrente,

Que vai de lado a lado  
Por esses valles fóra  
Sem nunca lhe ser dado  
Ter a menor demora.

Pára, quando a engole  
Aquelle mar sem fundo;  
Nem pára; é como o sol  
E como todo o mundo...

Ahi não pára nada,  
Tudo viaja e anda,  
Que a ordem lhe foi dada,  
E dada por quem manda.

Chega a corrente lá,  
Engole-a logo a onda:  
Depois, que é d'ella já?  
A nuvem que responda.

Que a nuvem que nos passa  
Pela manhã nos ares,  
Era hontem a fumaça  
Que andava n'esses mares;

E a nevoa, que tu vês  
Nas ondas fluctuantes,  
Corria-nos aos pés  
Talvez um dia antes.

A agua é que no giro  
Em que anda eternamente  
Não deu nunca um suspiro  
Em prova de que sente.

.....

**N'UM ALBUM**

## Pedindo-se ao author uma poesia

Não me admira a mim que o sol, monarcha  
De indisputavel throno, e throno eterno  
    Em céu e terra e mar;  
Que em seu imperio o mundo inteiro abarca  
Abaixe á pobre flôr seu dôce e terno,  
    Mavioso olhar.

Não me admira a mim que a crystallina,  
Tão pura, onda do mar, que espelha a face  
    Do astro creador,  
Que essas asperas rochas cava e mina,  
Á praia toda languida se abraça  
    E toda amor!

Mas sendo vós um sêr mais precioso  
Do que onda e sol—um anjo de poesia  
    Inspirada e que inspira;  
Que ás minhas mãos, das vossas, tão mimoso,  
Delicado penhor descesse um dia  
    É que me admira.

Quizera nos meus cofres de poeta  
Ter as riquezas todas do Oriente,  
    E com mãos liberaes  
Expulsar esta duvida que inquieta  
Um grato coração que apenas sente  
    E... nada mais!

De limpido diamante e fio de oiro,  
Quizera-vos tecer collar que á aurora  
    Vencesse em brilho e côr;  
Mas o poeta, o unico thesoiro  
Que tem, ah! são as lagrimas que chora  
    E o seu amor.

Eu vol-o dou. E lá do espaço immenso  
Se amada estrella olhar piedoso envia  
    A quem da terra a adora;  
Se o sol aceita á flôr humilde incenso;  
Ha no amor tambem muita poesia...  
    Minha senhora!

Evora.

\* \* \* \* \*

Beijo na face  
Pede-se e dá-se:  
Dá?  
Que custa um beijo?  
Não tenha pejo:  
Vá!

Um beijo é culpa  
Que se desculpa:  
Dá?  
A borboleta  
Beija a violeta:  
Vá!

Um beijo é graça  
Que a mais não passa:  
Dá?  
Teme que a tente?  
É innocente...  
Vá!

Guardo segredo,  
Não tenha medo...  
Vê?  
Dê-me um beijinho,  
Dê de mansinho,  
Dê!

Como elle é dôce!  
Como elle trouxe,  
Flôr!  
Paz a meu seio;  
Saciar-me veio,  
Amor!

Saciar-me? louco...  
Um é tão pouco,  
Flôr!  
Deixa, concede  
Que eu mate a sêde,  
Amor!

Talvez te leve  
O vento em breve,  
Flôr!  
A vida foge.  
A vida é hoje,  
Amor!

Guardo segredo;  
Não tenhas medo  
Pois!  
Um mais na face  
E a mais não passe!  
Dois...

Oh! dois? piedade!  
Coisas tão boas...  
Vês?  
Quantas pessoas  
Tem a Trindade?  
Tres!

Tres é a conta  
Certinha e justa...  
Vês?  
E o que te custa?  
Não sejas tonta!  
Tres!

Tres, sim. Não cuides  
Que te desgraças:  
Vês?  
Tres são as Graças,  
Tres as Virtudes,  
Tres.

As folhas santas  
Que o lírio fecham,  
Vês?  
E que o não deixam  
Manchar, são... quantas?  
Tres!...

\* \* \* \* \*

Thuribulo suspenso inda fluctuo,  
Em quanto a alma em incenso restituo;  
Mas, quando como fumo que se esvai,  
Minha alma! vás teu rumo... sobe e vai.  
Vai d'estas densas trevas, d'esta cruz,  
Levar-lhe... quanto levas, pobre luz!  
Amor, que em mim não cabe, vai depôr  
Em Deus, e Deus bem sabe se era amor;  
Se d'outra flôr o calix mais libei  
Por esses quantos valles divaguei;  
Se um nome em igneo traço li no céu,  
Nas ondas e no espaço, mais que o seu...  
Deus sabe se eu dos montes vi também  
Nos vastos horisontes mais alguém;  
Nos tristes e risonhos dias meus,  
Se alguém vi mais em sonhos, que ella e Deus.  
Porém quem é que apanha o aereo véo  
Da nuvem da montanha, se é do céu?  
Se á terra a nuvem desce, quando vai  
Tocar-se-lhe, desfez-se como um ai.

Coimbra.

\* \* \* \* \*

Luz d'intima influencia,  
Oh fugitiva luz!  
Luz cuja eterna ausencia  
É minha eterna cruz.

Podessem-te, ainda antes  
Do meu extremo adeus,  
Meus olhos fluctuantes  
Vêr lampejar nos céos.

Se ainda n'esse espaço,  
Tão longe onde tu vás,  
Visse um reflexo baço  
Da pura luz que dás;

Tornaram-se-me estrellas  
As lagrimas de dôr;  
E lagrimas são ellas...  
Sim, lagrimas d'amor!

Vê n'esse espaço immenso  
Os astros como estão  
Bem como eu estou, suspenso  
Por intima attracção.

Porque ha quem os attráia;  
É essa eterna paz  
Que a mim de praia em praia  
A suspirar me traz.

Converte-me este inferno  
Em azulado céo,  
Ou quebra o laço eterno  
Que a tua luz me deu;

Ou antes muda em espuma  
De nunca estavel mar  
Esta alma que alma alguma  
Póde exceder em amar.

Em cinza, em terra, em nada,  
Meu sêr converte, ó luz,  
Mas sempre, sempre amada,  
Deliciosa cruz!

Portimão.

## **RESPOSTA**

**A A. DO QUENTAL**

Em fumo se vai tudo, amigo! Olhando  
Para as nuvens do céo, nuvens d'aquellas,  
E parece-me ainda que mais bellas,  
Anda a gente fazendo e desmanchando.

Dá-me uma saudade em me lembrando  
O bello tempo que passei com ellas,

Por essa imensa abobada de estrelas,  
Por esse mar de fogo viajando...

Andasse ainda eu lá, que não me havia  
De vêr por estes charcos atolado,  
Onde nem sol nem lua me alumia.

Andasse ainda eu lá, desenganado  
Mesmo já como estou de achar um dia  
A patria d'aonde ando desterrado.

\* \* \* \* \*

Pois se o homem, se anjo e nume,  
Planta e flôr,  
Dá seu canto, luz, perfume,  
Crença e amor;

Pois se tudo sobre a terra  
Que ame alguém,  
Rosa ou espinho, quanto encerra  
Dá, se o tem;

Se os carvalhos, nus, medonhos,  
Veste abril;  
Se inda a noite presta aos sonhos  
Graças mil;

Se onde ha ramo, voz uma ave  
Desprende;  
Se onde ha folha, gotta suave  
Cahe do céo;

Se na praia, quando a onda  
Vem de lá,  
Beijos, antes que se esconda,  
Mil lhe dá;

Tambem, anjo meu saudoso!  
Te hei de emfim  
Ah! dar quanto de precioso  
Sinto em mim!

Dou-te o nectar, que me acalma;  
Toma-o tu!  
Sim, meu pranto; mais uma alma  
Que eu possuo!

Dou-te os sonhos meus ardentes,  
Mas leaes;  
Dou-te as notas mais cadentes  
Dos meus ais!

Do que ha lindo, tudo quanto  
Me seduz;  
D'esta vida, riso e pranto,  
Noite e luz!

Dou-te o genio meu, que á sorte  
Vês fluctuar  
Sem mais véla, sem mais norte  
Que esse olhar!

Dou-te a lyra, que me inspiras,  
Sonho meu!  
Que suspira, se suspira,  
Flôr do céu!

Dou-te; aceita: tudo é santo,  
Tudo, flôr!  
Dou-te uma alma toda encanto,  
Toda amor!

V. HUGO.

Coimbra.

### **FLÔR E BORBOLETA**

Tu vôas, borboleta! e que eu não possa  
Voar, amor!  
Diversa como é n'isto sorte nossa!  
Dizia a flôr.

No valle, ambas irmãs, nascidas fomos;  
És como eu sou;  
E amamo-nos, e flôres ambas somos,  
Mas eu não vôo.

A ti leva-te o ar; prende-me a terra  
A mim; e eu  
Como hei-de perfumar-te em valle e serra,  
E lá no céu!...

Mais longe inda tu vás, por outras flôres...  
Girar, talvez,  
Em quanto a minha sombra, meus amores!  
Gira a meus pés!

E vens-me vêr depois, mas vaes-te embora,  
Sabendo, assim,  
Que em lagrimas me encontra sempre a aurora!  
Pobre de mim!

Acabem-se estas mágoas, meu thesoiro  
E meu amor!  
Cria raiz ou dá-me as azas de oiro,  
Celeste flôr!

V. HUGO.

Coimbra.

## REMOINHO

Olha como embrulhado  
Que está ainda o céu  
E o chão, como ensopado  
Da agua que choveu...

Foi um diluvio d'agua;  
E o furacão, que fez,  
Emilia! até dá mágoa  
Tantos estragos: vês?

Esta infeliz víuva,  
Foi-lhe o telhado ao ar;  
Depois, já nem da chuva  
Tinha onde se abrigar.

De mais a mais sósinha,  
Sem ter nenhum dos seus  
Aqui ao pé; ceguinha...  
Bemdito seja Deus!

Além n'aquelle serro  
Parece que raspou  
Com uma pá de ferro  
A terra que encontrou.

Nem um só pé de trigo  
És lá capaz de vêr.  
Já eu disse commigo:  
Como pôde isto ser?

As arvores arranca  
O vento muito bem;  
Serve-lhe de alavanca  
A rama que ellas tem.

Vem de lá elle e, topa  
N'uma arvore, o que faz?  
Enrola-se na copa  
E, tronco e tudo, zás!

Que as folhas não são nada,  
Uma por uma, não;  
Mas já uma pernada...  
Tão poucas ellas são?

Vê lá se o teu cabello  
É para comparar;  
Mas, possa alguém sustel-o,  
Levanta-te no ar.

Aqui um loureirinho,  
Que era o que havia só,  
Encontra-o no caminho,  
Ia-o fazendo em pó.

D'aqui passa, á maneira  
Assim d'um caracol,  
Áquella farrobeira  
Põe-lhe a raiz ao sol.

Aquelle enorme tronco  
Quiz resistir, depois,  
Ouviu-se um grande ronco,  
Quando o eu vejo em dois.

Andava a rama toda,  
Emilia! assim, vês tu?  
Á roda, á roda, á roda,  
Eis senão quando, rhuh!

Foi quando veio o outro  
Urrando como um boi,  
Oh que horroroso encontro!  
Então é que ella foi.

Vês uma cobra enorme  
Á calma, quando está  
Grande calor, conforme  
As tenho visto já?

Que não tem ar avonde,  
Falta-lhe já o ar,  
Quer sangue ou agua onde  
Se possa refrescar;

Anceia-se, sacode  
O corpo todo a vêr  
Se vôa, mas não póde;  
Voar não póde ser;

E como não supporta  
Já o calor do chão,  
Ao vêr-se quasi morta  
De raiva e afflicção,

Apenas finca a ponta  
Do rabo em terra, e saí;  
E faça-se de conta  
Que é a voar que vai

N'aquellas roscas todas  
Que, olhando-se-lhes bem,  
São outras tantas rodas  
Em cima d'onde vem;

N'aquelle parafuso  
—Aquelle rodopio,  
Á roda como um fuso  
Suspenso pelo fio;

Com a cabeça chata,  
Aquelle olhar feroz,  
Aquelle olhar que mata  
Sempre de fito em nós?

Assim d'essa maneira  
É que elle vinha, o tal;  
Salta-lhe á dianteira  
Este de força igual;

E assim que se avistaram,  
Não sei o que lhes dá;  
Ficam suspensos, param,  
Como com medo já;

Aquelles sorvedouros,  
Em vez de remoinhar,  
Parecem-se dois touros  
Jogando a terra ao ar;

Ouvia-se a oliveira  
Zunir no ar, então,  
D'um para o outro inteira,  
Nem bala de canhão;0

E assim se vão chegando  
Cada vez mais, até  
Que eu ólho, eis senão quando  
Vejo... mas vejo o que?

.....

Messines.

### **AMORES, AMORES...**

Não sou eu tão tola  
Que cáia em casar;  
Mulher não é rola,  
Que tenha um só par:

Eu tenho um moreno,  
Tenho um de outra côr,  
Tenho um mais pequeno,  
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,  
Se apenas o dou  
Desfaz-se-me o pejo,  
E o gosto ficou?

Um d'elles por graça  
Deu-me um, e depois,  
Gostei da chalaça,  
Paguei-lhe com dois.

Abraços, abraços  
Que mal nos farão?  
Se Deus me deu braços,  
Foi essa a razão.

Um dia que o alto  
Me vinha abraçar,  
Fiquei-lhe d'um salto  
Suspensa no ar.

Amores, amores.  
Deixál-os dizer;  
Se Deus me deu flôres,  
Foi para as colher.

Eu tenho um moreno,  
Tenho um de outra côr,  
Tenho um mais pequeno,  
Tenho outro maior.

## FABULA

Um dia os deuses, cada qual uma arvore,  
Á sua guarda consagraram: Jupiter  
Esse o carvalho, a murta Venus, Hercules  
Lá esse o alemo, e o loureiro Apollo.  
Vendo-as Minerva todas infructiferas:  
Que é isto? exclama. Jupiter acode-lhe:  
Senão, diriam, filha! que as guardavamos  
Só pelo fructo.—Que me importa digam-no;  
É pelo fructo que a oliveira escolho.

Minerva! brada o pai d'homens e deuses,  
És quem, de todos, sabes mais sem duvida;  
No que não luza... mal fundada gloria.

*Honra sem proveito  
Faz mal ao peito.*

PHEDRO.

Coimbra.

## BOAS NOITES

Estava uma lavadeira  
A lavar n'uma ribeira,  
Quando chega um caçador.

—Boas tardes, lavadeira!

—Boas tardes, caçador!

—Sumiu-se-me a perdigueira  
Alli n'aquella ladeira,  
Não me fazeis o favor  
De me dizer se a bréjeira  
Passou aqui a ribeira?

—Olhai que d'essa maneira  
Até um dia, senhor,  
Perdereis a caçadeira,  
Que ainda é perda maior.

—Que me importa, lavadeira!  
Aqui na minha algibeira  
Trago dobrado valor.  
Assim eu fôra senhor  
De levar a vida inteira  
Só a vêr o meu amor  
Lavar roupa na ribeira...

—Talvez que fosse melhor,  
Vêr... coser a costureira!  
Vir, de ladeira em ladeira,  
Apanhar esta canceira  
E tudo só por amor

De vêr uma lavadeira  
Lavar roupa na ribeira...  
É escusado, senhor!

—Boas noites... lavadeira!

—Boas noites, caçador!..

Messines.

### **GASPAR**

Ora se não sei eu quem foi teu pai!  
Fidalgo: sei perfeitamente bem.  
O que eu não sei, Gaspar! é o que vem  
N'esta vida fazer quem já lá vai.

Já se vê que é aos paes que a gente sái.  
Tal pai, tal filho; sim, duvída alguém  
Que um pai se é como o teu, homem de bem,  
Tu és homem de bem como teu pai?

D'isto não ha quem possa duvidar.  
Mas queres um conselho que eu te dou?  
Não mexas n'isso... cala-te, Gaspar!

Que eu, cá por mim, bem sabes como eu sou,  
Mas é que outro talvez mande tirar  
Certidão de baptismo a teu avô.

Coimbra.

\* \* \* \* \*

Deixa que ao romper d'alva o cravo abrindo,  
    Á rosa envie o aroma;  
E lá quando alta noite a lua assoma,  
    O rouxinol carpindo!

Que pela face a lagrima resvale  
De quem no exilio geme;  
E quando a propria sombra o homem teme,  
Que a mãi seu filho embale.

Deixa que ao espaço immenso os olhos lance  
O sol antes que expire;  
Que pelo norte a bussola suspire  
E nelle só descance.

Amam leões e tigres. Não ha nada,  
Anjo! que a amor se esconda.  
Beija a pomba o seu par; e abraça a onda  
A rocha inanimada.

Deixa que a nuvem negra tolde a lua  
Se a leva a tempestade;  
Deixa que eu te ame a ti, cara metade,  
D'esta alma toda tua!

Coimbra.

## CARTA

Maria! vêr-te á porta a fazer meia,  
Olhando para mim de vez em quando,  
É o que n'esta vida me recreia.

Acordo até de noite suspirando  
Por que rompa a manhã e tenha o gosto  
De te vêr já tão cedo trabalhando.

Desde pela manhã até sol-posto  
Que não tens de descanso um só momento;  
Por isso tens tão bella côr de rosto.

E eu pallido, Maria! O pensamento  
Não é trabalho que nos dê saude,  
Esta imaginação é um tormento.

Que bello tempo aquelle em quanto pude  
Levar, como tu levas, todo o dia  
N'essa vida chamada ingrata e rude!

Nunca soube o que foi melancolia,  
Nunca provei as lagrimas salgadas  
Com que a nossa alma as penas allivia;

Andava sim por essas cumiadas  
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,  
Vendo os valles, das rochas escarpadas;

Descendo pelo córrego estreitinho,  
De pontal em pontal, cortando o matto,  
Pelas chapadas, fóra de caminho;

Mas não era que já o teu retrato  
Me andasse a mim no coração impresso,  
Onde hoje o trago no maior recato,

E um desengano teu que não mereço  
Me tivesse tirado a fé tão dôce  
D'alcançar algum dia o que appetço.

Não foi, não, a paixão que assim me trouxe  
Tão erradio a mim, digo a verdade  
E nem eu te negava se assim fosse.

É que a gente na sua mocidade  
Não cabe em si, não pára de contente,  
E assim fui eu na flôr da minha idade.

Tu eras n'esse tempo simplesmente  
A flôr que vai nascendo e mais valia  
Seres tão tenra ainda e innocente.

Já esse lindo pé que tens, Maria!  
Esse quadril tão largo, e cinta estreita,  
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,  
Esse peito redondo e arqueado  
Como o de pomba farta e satisfeita.

Talvez vivesse então mais socegado,  
Ou já que minha sorte é sempre triste  
Ao menos não andasse enfeitado.

Esse bello pescoço, não existe  
Outro assim torneado: o rosto é lindo  
E a tão meiga expressão ninguém resiste.

A bocca é tão vermelha que, em te rindo,  
Lembra-me uma romã aberta ao meio  
Quando já de madura está cahindo.

Esses olhos azues... que olhar! Receio  
E desejo estar sempre a contemplal-o;  
Não ha mais dôce e mais custoso enleio:

Eu não oiço fallar então, nem fallo  
De enlevado que estou e, juntamente,  
Gemendo e abafando os ais que exhalo.

Oh nuvem da manhã resplandecente,  
Manto real de sêda delicada,  
Cada fio um grilhão que prende a gente.

Bem podias, Maria! andar tapada  
Só com o teu cabello, á semelhança  
Do sol em nuvem de manhã doirada.

É tudo encantador. A gente cança,  
Cança de estar olhando e sempre vendo  
Um novo encanto a cada olhar que lança.

E se essa linda voz nos sái dizendo  
As mimosas palavras que costuma,  
Sente-se a gente logo derretendo;

Que além d'um rosto tão perfeito, em summa  
Coube-te em sorte um coração perfeito  
E em ti não ha, Maria! falta alguma.

Oh que ditoso, alegre e satisfeito  
Não viverá o homem que algum dia  
Sentir pular-te o coração no peito,

E que em deliciosissima agonia,  
Vendo-te já os olhos desmaiando  
Como desmaia o céo á luz do dia,

Nas azas da ventura atravessando  
Os espaços d'um extasi ineffavel

Abraçado contigo fôr voando  
Lá para onde tudo é bello e estavel!

Messines.

\* \* \* \* \*

—Dá-me esse jasmim de cera,  
Minha flôr?

—Mas e depois se lh'o dera,  
Meu senhor?

—Depois? era uma lembrança.

—Mas de quê?

—D'uma tão linda criança,  
Já se vê.

—Oh tão linda! Mas, parece,  
Sendo assim,  
Que inda quando lhe não désse  
Tal jasmim...

—Não me esquecia, de certo.

—Nunca já?

—Nunca.—Nunca, é muito incerto,  
Mas... vá lá.

—E a rosa, que bem lhe fica,  
Dá-m'a, flôr?

—Oh a rosa, a rosa pica,  
Meu senhor!

Messines.

## MARGARIDA

Oh que formosos dias, Margarida!  
Esses da tua vida;  
E que nublados  
Meus dias desgraçados!

Nasci tambem assim risonho e meigo,  
Mas hoje apenas chego

O calix da ventura  
Á bocca ancioso,  
Torna-se a agua impura  
E o liquido que bebo  
Venenoso,  
Sim, venenoso o liquido que bebo.

Nem eu concebo  
Como Deus me creasse  
Para tormento eterno;  
Elle que tão affavel, meigo e terno  
Te beija a ti a face  
E te embala no collo, Margarida!  
A mim dar-me esta vida...

Mas vejo á sombra d'altos edificios  
Miudissimas flôres  
De tão subtís e delicadas côres  
Que se o sol lhes chegasse  
Talvez que nem resquicios  
Lhes ficasse.

Com uma d'essas azas, estendida,  
Me tapavas tu todo,  
E d'esse modo,  
Com esse escudo,  
Eu ria-me de tudo  
E levava esta vida alegremente.  
Tenho essa fé.

Vejo tambem a flôr que nasce ao pé  
D'agua corrente,  
Ir tão suavemente  
Levada pela agua!  
Talvez até sem magua  
De deixar sua mãe.

D'esse modo tambem,  
Amparando-me tu a mim nos braços,  
Eu seguia-te os passos,  
Fosse por onde fosse;  
E d'essa sorte  
Até a morte  
Me seria dôce.

Messines.0

## NO LEITO NUPCIAL

Dorme, estatua de neve,  
Vergonhea de marfim!  
Tocar que impio se atreve  
No que é sagrado assim?

Dois são: o mais, mysterio  
Vedado á terra. Deus  
Talvez do solio ethereo  
Nem baixe os olhos seus.

Respeita-os, tapa-os, como  
Japhet e Sem, o pai...  
Pende, sagrado pomo!  
A vista ergue-se e cai.

Ergue-se e cai, conforme  
A lei, que o manda assim.  
Ergue-se e... Dorme, dorme,  
Vergonhea de marfim!

Mas dize: o espelho a imagem  
Te estampa mal te vê;  
Beija-te o seio a aragem,  
Doira-te o sol; porquê?

Não segue acaso a sombra  
Teu corpo sempre, flôr!  
E pois, porque te assombra  
Meu insensato amor?

Ás vezes passas tremula  
Como sagrada luz;  
E os olhos dizem: vemol-a  
Como no alto a cruz.

Perdoa se isto exprime  
Maldade aos olhos teus;  
Perdoa-me se é crime...  
Amo tambem a Deus.

E á tarde quando o albergue,  
No solitario val,  
Incenso queima e se ergue  
D'Abel o fumo igual;

Da pomba solta o vôo,  
Baixa-me um olhar teu  
E dize-me: perdôo;  
Sim, tudo aspira ao céu!

Coimbra.

### A MINHA MÃI

Patria! berço d'amor, que a alma embala  
Em quanto a luz vital nos illumina,  
E onde só descansado se reclina  
Quem, longe d'ella, dôr contínua rala...

Se n'essa essencia, mãe! que a flôr exhala  
Na essencia d'uma flôr d'essa collina,  
Vês lagrimas d'amor que dentro a mina,  
Com saudades de quem do céu lhe falla:

Se quando, o céu buscando, o fumo ondeia,  
Quando esse valle o sol deixa indeciso,  
Vês como fumo e flôr aspira, aneia

Um pai, um Deus, um céu, um paraiso,  
Ah! tendo eu tudo, tudo, em minha aldeia,  
Vê tu se labio meu desfolha um riso!

Coimbra.

### BEATRIZ

Tu és o cheiro que exhala  
Ao ir-se abrindo uma flôr,  
Tu és o collo que embala  
Suas primicias d'amor.

Tu és um beijo materno,  
Tu és um riso infantil;  
Sol entre as nuvens do inverno,  
Rosa entre as flôres d'abril.

Tu és a rosa de maio,  
Tu és a flammula azul,  
Que atam á flecha do raio  
As nuvens negras do sul.

Tu és a nuvem d'agosto,  
Meu alvo vello de lâ!  
Tu és a luz do sol-posto,  
Tu és a luz da manhã.

Tu és a timida corça  
Que mal se deixa avistar;  
Tu és a trança que a força  
Do vento leva no ar.

És a perola que salta  
Do niveo calix da flôr;  
És o aljofar que esmalta  
Virgineas rosas d'amor.

És a roseira que a custo  
Levanta os cachos do chão,  
És a vergontea do arbusto,  
Anjo do meu coração!

Tu és a agua das fontes,  
Tu és a espuma do mar,  
Tu és o lirio dos montes,  
Tu és a hostia do altar.

És o pimpolho, és o gomme,  
És um renovo d'amor;  
Tu és o vedado pomo...  
Tu és a minha Leonor...

Tu és a Laura que eu amo,  
E a minha Taboa da Lei,  
E a pomba que trouxe o ramo,  
E a margarida que achei.

És o lirio, és a bonina  
Dos valles do meu paiz;  
És a minha Catharina...  
És a minha Beatriz!

Coimbra.

## INNOCENCIA

Encolhe as azas, que te abrazas, louca!  
O fogo mata a quem o gera, attende;  
Foge e, se a vida te aborrece, estende  
Um braço aos anjos, que a distancia é pouca.

Porque uma nuvem, onda transitoria  
Do mar immenso, vem pousar na serra,  
Não fica a nuvem pertencendo á terra:  
Tu és o anjo que desceu da gloria.

Estranhas forças para ti me attrahem;  
E ás vezes cedo, tua cinta enleio;  
Teus olhos beijo; mas, contemplo o seio,  
Tua alma dorme, e os meus braços cahem...

Desfallecidos, flôr celestial!  
Como ante um berço cahe a foice erguida,  
Se ha n'elle mais do que uma simples vida,  
Se ha innocencia que mil vidas val.

Oh! não: teus labios o meu fel não provem:  
Outros os lirios d'essa face esmaguem;  
D'outros mãos impias teu sorriso apaguem,  
Em quanto os labios tuas graças louvem.

Já no meu berço d'innocencia pude  
Pesar as joias, que hoje em vão te invejo:  
Provei os favos de illibado pejo,  
Sei o que perde quem o vicio illude.

Alcantil ingreme, onde o raio é certo,  
Contém mais seiva, que inda o musgo cria:  
Quanto de fertil em nossa alma havia  
Só deixa o ermo da saudade aberto.

Cahir no abysmo de intimos pezares  
D'essas alturas onde mal te vejo,  
O ponto estava derreter n'um beijo  
O fio de oiro que te manda aos ares.

N'esses dois cofres, n'esse collo aonde  
Tantas riquezas enterrei ciumento  
(E que alta noite vela o pensamento  
Pelo crystal que o coração te esconde)

Em oiro em barra, fina prata e quanto  
Coalha o vasto e opulento Oriente,  
Fôra em ruinas encontrar sómente  
Carvão, se um dia te quebrasse o encanto.

Casta innocencia, de Deus filha e bella  
Entre as mais bellas! virginal aroma!  
Rosa ineffavel, que, se á luz assoma,  
Haste e raiz apodreceu com ella!

Sol, que uma vez em nossa vida passas!  
Flôr, que uma e neutra, como Deus, não gera;  
Que se abre morre, mas sem prole, inteira  
Com todo o côro das virgineas graças:

Ao vêr-te, embora meu olhar te envia  
O impio incenso de Nadab, ajoelho...  
Rosa da face e, não só rosa, espelho  
Da face occulta de quem espalha o dia!()

Se por teus membros orvalhadas flôres  
Prodigas mãos da formosura entornam,  
Flôres mais bellas o teu seio adornam...  
Vós, lirios d'alma, virginaes amores!

O céo me encanta, como encanta o inferno.  
Mysterio... espaço... mente exploradora!  
Morre nas mãos o que a nossa alma adora  
—Vago, impalpavel, infinito, eterno!

Evora.

\* \* \* \* \*

A Escripura Sagrada  
Lá diz que uma mulher má

Não ha fera, não ha nada  
Peor no mundo: e não ha.

Uma lá da minha aldeia,  
Que era muito impertinente,  
Muito má (e muito feia)  
Morre um dia de repente.  
Morreu; desgraçadamente  
Mais tarde do que devia;  
Mas em summa toda a gente  
Teve a maior alegria.

Passados annos (é boa!)  
Foi-lhe preciso ao coveiro  
Abrir a cova, e achou-a  
Ainda de corpo inteiro,  
Ainda rosas na face,  
Ainda signaes de vida...  
Milagre! coisa sabida;  
Pois mais fresca que uma alface  
Ha tanto tempo enterrada,  
Devendo estar reduzida  
A pó, terra, cinza e nada...

Vem dar parte; e corre a vêl-a  
O povo atraz do prior;  
E passam logo a trazel-a  
Em cima do seu andor  
E a pol-a n'uma capella  
De grande veneração;  
(Elles ás costas com ella,  
E elle a cantar canto-chão;)  
Mas seja lá o que fôr,  
O que é certo e mais que certo  
É que santa como aquella  
E nem de mais devoção,  
Não ha por alli tão perto.

E dizem que não ha santos  
Como nos tempos passados!  
E cá opinião minha  
Que muitos (quantos e quantos!)  
Que ahi morrem desprezados,  
Se não são canonisados  
É que está cheia a *Folhinha*.

Messines.

## A UM NUNO

### Provando a existencia de Deus a pobres camponezes

Ora a provar que ha Deus, Nuno! isso é teima:  
Pois ha alguma ovelha no rebanho  
Que não saiba que só a mão suprema  
Creava um animal d'esse tamanho!

A \*\*\*

Pois se como sempre fomos  
Somos  
Pétalas da mesma flôr,  
E o que eu sinto, ou eu me illudo,  
Tudo  
Tambem sentes, gosto e dôr;

Que te arraza os olhos d'agua?  
Magua  
Em que eu não deva tocar?  
Oh! mas se ha quem a suavise,  
Dize,  
Vou-lhe um suspiro levar.

Não se alcança, não se avista,  
Dista  
D'aqui muito o allivio, ou não?  
Dos teus olhos muito; e pouco,  
Louco!  
Pouco do teu coração.

Sei o que vai em teu seio;  
Sei-o

Porque em materia d'amor,  
Debalde os labios se calam!

Fallam  
Ainda os olhos melhor!

Batalha.

## LUZ DA FÉ

Tu, sol! já não me alegras  
Como alegravas, não:  
Vós, sim, ó nuvens negras,  
Relampago e trovão!

Quando o trovão me aterra,  
Recordo-me de Deus;  
Abalo cá da terra  
E vou por esses céos:

E lá n'essas alturas,  
Por onde só a fé,  
Em regiões tão puras,  
Nos deixa tomar pé;

Voar, pairar nos ares  
Como uma aguia cá,  
De lá só vejo os mares,  
E é porque a luz lhes dá.

O mais como se apanha  
E empolga com a mão,  
Seja a maior montanha,  
Seja a maior nação;

O mais fica no fundo  
D'esse infinito mar;  
O mais pertence ao mundo,  
É escusado olhar.

Deus deixa ás creaturas  
Cá baixo a sua cruz,  
E fecha as almas puras  
N'um circulo de luz.

As chagas, as miserias  
Cá d'este lamaçal,  
Nas regiões ethereas,  
Lá não se avista tal.

É só a luz, que foge,  
Mais uma irmã que tem  
—A alma, que até hoje  
Não a prendeu ninguém;

São essas duas luzes  
(Qual d'ellas tão subtil  
Que ás forcas e ás cruces  
Do despota mais vil,

Se escapam de tal modo  
Que é de o fazer raivar)  
Cá d'este mundo todo  
O que se vê brilhar!

Porque uma e outra aspira  
Continuamente ao céo,  
A alma que suspira,  
E a luz que Deus nos deu.

Porque uma e outra é pura,  
Perpetua e immortal;  
E a sua formosura,  
Não ha nenhuma igual.0

Quem é, ó luz formosa,  
Ó minha bella irmã!  
Quem é que faz a rosa  
Abrir pela manhã?...

Eu amo-te e (as trevas  
Não teem esplendor!)  
Tu só é que me levas  
O tempo e o amor.

Mas eu estimo o raio  
E gósto do trovão,  
Por vêr que quando cáio  
É que me elevo então.

Por vêr que em tendo medo  
Mais se me aviva a fé;  
E a fé, não ha rochedo  
Firme como ella é.

Por cima da desgraça  
Ou seja do que fôr,  
Ella, não olha, passa  
De fito no Senhor!

A essa luz divina,  
Ó luz! é que tu és  
Tão pura e crystallina  
Como o Senhor te fez.

Por isso a noite escura,  
Ah! se eu a preferi  
Á tua luz tão pura,  
É por amor de ti!

Messines.

## RESPOSTA

### A A. DO QUENTAL

Tal é a confiança que te inspira  
Estes reis, estes povos, esta gente,  
Que é para o céo que appella e se retira  
Tua alma já de triste e descontente.

Mas Deus então seria ou impotente  
Ou seria um Deus barbaro: mentira!  
Não póde suspirar eternamente  
Quem ha já tantos seculos suspira.

Vai ganhando terreno a luz brilhante,  
Luz toda liberdade e toda amor  
Que ha-de salvar o mundo agonisante.

A idéa, esse Verbo creador  
Ha-de fazer que um dia e não distante  
Só o nome de imperio inspire horror.

Messines.

\* \* \* \* \*

Meu casto lirio,  
Terno delirio,  
Gloria e martyrio  
Do meu amor!  
Amo-te como  
A haste o gomo,  
O labio o pomo  
E o olho a flôr.

Se ao meu ouvido  
Sôa um rugido  
Do teu vestido,  
Que ouço roçar;  
Que som me vibra  
Não sei que fibra  
Que me equilibra  
A mim no ar!

E que harpa santa  
É que me encanta  
E enche de tanta  
Consolação,  
Quando uma falla  
Terna se exhala  
D'onde se embala  
Teu coração!

Quando te vejo  
D'um simples beijo  
Córar de pejo,  
Mudar de côr,  
Que susto é esse

Que me parece  
Te empallidece,  
Rosa d'amor!

Quando no leito,  
Teu niveo peito  
Sonho que estreito  
E aperto ao meu;  
Vendo tão perto  
O céu aberto,  
Porque desperto...  
Anjo do céu!

Não fujas, rosa!  
Não fujas, goza  
Manhã mimosa,  
Manhã d'amor;  
De folha em folha  
A flôr se esfolha  
Bem cedo, e olha  
Que és como a flôr!

Coimbra.

## VENTURA

O sol na marcha luminosa vôa  
Lançando á terra magestoso olhar;  
Passa cantando quem o ar povôa  
E a praia abraça venturoso o mar.

No bosque o vento dôce canto entôa,  
Ouvem-se em côro as multidões cantar;  
Que a um só triste o coração lhe dôa,  
Que eu seja o unico a soffrer, chorar...

Por ti, saudade... de quem vai tão perto  
E a quem dos olhos e das mãos perdi  
N'este tão ermo lugubre deserto!

Por ti, ventura... que uma vez senti;  
Por ti, que ás vezes a meu peito aperto  
E... o peito aperto sem te vêr a ti!

Evora.

\* \* \* \* \*

Arida palma  
Tem seu licôr,  
Tem como a alma  
Tem seu amor;  
Tem como a hera  
Tem seu abril,  
Tem como a fera  
Tem seu covil.

Tem toda a planta  
Que o sol queimou  
Lagrima santa  
Que a orvalhou,  
E o passarinho  
Que hontem nasceu  
Lá tem seu ninho  
Que a mãe lhe deu.

Só eu na magua  
Do meu penar  
Sou como a agua  
Que anda no mar,  
Sou como a onda  
Que á busca vem  
D'onde se esconda,  
E onde, não tem!

Folha revolta  
Que anda no chão,  
Lagrima solta  
Do coração;  
Corpo sem vida,  
Haste sem flôr,  
Folha cahida  
Do meu amor.

Coimbra.

## A UNS OLHOS AZUES

Cahe a folha da rosa pudibunda,  
Cahe a rosa da face virginal,  
Cahe das nuvens a aguia moribunda,  
Cahe o sol na montanha occidental.

Cahe a onda na praia, cahe do somno  
O poeta na luz; e cahe das mãos  
Dos despostas o sceptro, elles do throno,  
Como a seus pés cahiram seus irmãos!

Cahe dos labios o riso; cahe dos olhos  
A lagrima tambem, que d'alma sahe;  
Cahe a rocha no mar, cahe nos abrolhos  
A flôr de liz; de louro a folha cahe.0

Cahe do céo a centelha incendiaria,  
A nuvem cahe se um sopro Deus lhe dá,  
Cahe ante o dia a noite solitaria  
Como o falso Dagon ante Jehovah.

Cahe tudo, flôr! cahe tudo; eu só não cáio:  
Mais do que um rei, que o sol, igual a Deus,  
Cahir, mulher! só posso á luz d'um raio  
Se elle cahir do céo dos olhos teus!

Luso.

## HERESTA

Que magua ou que receio  
Dos olhos te desata  
Aljofares de prata  
No jaspe do teu seio?

Bem intima ser deve  
A pena que te opprime,  
Flôr tenra como o vime,  
Flôr pura como a neve!

—Compunge-te isso, dóe-te  
Vêr esmaltando o calix  
Da erma flôr dos valles  
O balsamo da noite?

Se aos olhos nos affluem  
As lagrimas, parece  
Que a dôr nos adormece,  
E as maguas diminuem.

—Heresta! pois inclina  
Na minha a tua face  
E deixa me repasse  
Teu balsamo, bonina!

Abraça-me, divide  
Commigo esse consolo,  
Enlaça-te ao meu collo  
Como ao olmeiro a vide!

Ás vezes tambem quando  
Os olhos se me estendem  
Ás luzes, que se accendem  
No templo venerando;

Tão intima saudade,  
Tão intimo desejo,  
D'um mundo, que não vejo,  
Me inspira a immensidade...

Que o pranto se agglomera  
Na palpebra, onde morre;  
Sim, gela-se, não corre,  
Tal é a dôr que o gera!

—É Deus que a si te aspira,  
É Deus que ao céu te chama;  
Que em tudo amor derrama,  
A tudo amor inspira!

Canta-o, o justo, o santo!  
E a flôr que o campo adorne  
Thuribulo se torne  
Mal te ouça o dôce canto.

—Inspira-o pois, inspira,  
Virgem de intacto pejo!  
Seja um teu riso o harpejo  
E um teu cabelo a lyra!

---

O sol já da montanha  
Te disse adeus! adeus!  
E a cupula dos céos  
Ficou pallida e estranha.

E aquella, que a bondade  
De Deus em si reflecte,  
Em quanto ao sol compete  
Mostrar-lhe a magestade,

Á luz extrema d'hoje  
Ergueu livida a face  
Com medo que avistasse  
Quem busca, e de quem foge.

Fluxo e refluxo eterno  
D'alma contradictoria,  
Que após continua gloria,  
Anda em continuo inferno.

Poeta! é copia tua,  
Supplicio igual te inquieta.  
Mas que alma de poeta  
Teu seio arqueia, oh lua?

Amor, amor como este,  
Visão timida e casta  
Em giro eterno arrasta  
A lampada celeste.

Como esse que a deshoras  
A ti te ergue a cabeça  
E aos ermos te arremessa  
Em busca do que adoras.

Mas, ah! pallido globo!  
É pio d'ave nocturna,  
Echo em alguma furna  
Do uivo d'algum lobo?

Ouço uma voz... escuta:  
É ella a voz que se ouve?  
Ou monge que inda louve  
A Deus, n'alguma gruta!

Quem lá em baixo á escarpa  
D'um ingreme penedo  
No tremulo arvoredado  
Entorna os ais d'uma harpa?

É ella a minha Heresta,  
A minha branca ermida  
Do ermo d'esta vida,  
Mais erma que a floresta?

Tu, lua, que no val  
D'Aialon paraste,  
Já viste em sua haste  
Suspenso lirio igual?

Não é, não é mais bella  
A rosa entre os abrolhos,  
Nem ha como os seus olhos  
No céo nenhuma estrella!

É á luz d'uma alvorada,  
Apenas desabrocha,  
Nos angulos da rocha  
Vêl-a despedaçada!

Vós, lobos! ide em bando,  
Trepai pelo rochedo,  
Uivai, mettei-lhe medo,  
Levai-a recuando!

Que faz quem se aproxima  
D'um precipicio, diz-m'o?  
Que buscas tu no abysmo  
Se o céo é lá em cima?

Não tarda muito, creio,  
Que acabe esta ancia nossa,  
E Deus unir-nos possa  
No seu eterno seio.

É lá que a alma falla,  
Lá que o amor se mede,  
Que em brilho o sol excede,  
E em gloria a Deus iguala!

Na nuvem do futuro  
Teus vagos olhos prega!  
Depois de noite negra  
Vem sempre um céu mais puro.

---

E agora, se o desejo  
Te satisfiz, em premio  
D'um canto d'alma gemeo,  
Um gemeo e dôce beijo!

Coimbra.

## FRAGMENTO

.....

Deixal-o: os olhos fecho á luz e quero...  
Quero-te, oh sonho, se és doirado e lindo:  
Mais que a teus fachos, pedagogo austero!  
Que me condemnas em chorando e rindo.  
Sempre olhos fundos, sempre esse ar severo...  
Razão! não te amo; mas a ti, bemvindo,  
Tu que os conselhos nunca, amor! lhe tomas;  
Dás luz á lua, dás á rosa aromas.0

Oh! ha tres vistas com que as coisas vemos;  
Ha tres razões que as coisas determinam;  
Uma a dos olhos; outra a que escondemos  
N'isso ante que os alemos se inclinam;  
Outra a que dentro no coração temos,  
Que os limites do espaço só terminam:

Coube a primeira em sorte á borboleta;  
A outra ao homem; a terceira ao poeta.

Mas será só poeta quem faz versos?  
Não é a flôr poeta que o sol canta?  
Não cabe aos ais tão intimos, dispersos  
Do cantor triste nome e gloria tanta?  
Esses aereos tão mimosos berços,  
Que, excepto o homem, o furor quebranta  
A quanto é fero e sanguinario, acaso  
Cada um d'elles não é um parnaso?

Mais poesia em pobre margarida,  
Que aos pés se pisa, enthesoirada vejo,  
Que em muita madreperola polida  
Que as cinzas guarda de finado harpejo.  
Dize-me, pomba! que no ar sustida  
Vens como a nuvem coroar d'um beijo  
Quem teus desvelos maternaes comparte:  
Camões excede-te em engenho e arte?

Vaidade humana! Do que é simples, claro,  
Fazem mysterio; dão-lhe um nome e basta:  
Como esse eunucho sacerdocio avaro  
Que da verdade as multidões afasta...  
Mas a verdade não é pedra d'ara  
Nem arca-santa que só certa casta  
Tem privilegio de levar ao hombro  
Ou vêr de perto, sem morrer d'assombro.

Padre, ministro do Crucificado  
É bom ferreiro afeiçoando o ferro  
Com que ha-de prestes ir rompendo o arado  
Os campos d'este secular desterro.  
Melhor explicam um lugar sagrado  
Bigorna e malho, que explica o berro  
De bonzo inutil; que asperos abrolhos  
Não viram nunca seus inchados olhos.

Apostolo é o pai que se afadiga  
Só para que descance o filho amado;  
Apostolo é a rocha em que se abriga  
Ave agoureira e pobre desgraçado;  
Apostolo é a lagrima que amiga  
Cahe pela face em peito amargurado;  
E esse monstro do céo que solitario  
Correu o mundo á busca do Calvario.

E assim vós outros, falsos sacerdotes!  
Que a mesma crença sustentar devêreis,  
Poetas vos chamaes se em ôcos motes  
Sabeis vasar combinações estereis?  
Monges! tendes o habito; se os dotes,  
Os doze dons do Espirito tivereis,  
Crêreis que é mais poeta o dôce favo  
Que a abelha fábrica em mato bravo.

Fechei a minha bocca largo espaço  
Para vêr e pasmar; eu não podia  
Tirar os olhos do tributo escaço  
Que paga o albergue quando acaba o dia.  
Pelo filhinho em maternal regaço  
Como ave em ninho a balançar, medía,  
Não essa Iliada a compasso austero,  
Mas a de Christo, a do celeste Homero.

Lia esse livro que anda encadernado  
Em pelle humana e embrulhado em pranto,  
Mas para bençãos, para amor dictado  
E quanto ha puro, quanto ha bello e santo:  
Livro que o impio soletrou tocado,  
Se o impio os olhos pôde erguer a tanto;  
Mas que a moirama só conserva vivo  
Porque não morre o immortal captivo.

Não morre: eterno como a fonte d'onde  
Dimana a luz, a vida, amor e tudo,  
Que amostra a terra, amostra o mar, e esconde  
O céu, o espaço, o infinito mudo...  
O mundo mudo! para quem? responde,  
Valente martyr! que o pesado escudo,  
Com que a verdade os olhos encobria,  
Morreste mas quebraste á luz do dia.

«Existe um pai commum, que a todos ama  
E d'elles só juiz a si reserva  
Punil-os de seu mal; o sol derrama  
Por cedro erguido e enterrada herva;  
Desarma o laço que a perfidia trama,  
Ou n'elle a prende e faz cahir; enerva  
Braço que se ergue contra irmão; fecunda  
Semente que não cahe de mão immunda.

«Diante d'elle as obras apparecem  
Taes como as gera o intimo do peito:  
Basta o amor do bem, se as mãos fallecem;  
Sem esse amor é nada o grande feito.  
Embora os homens de soltar se esquecem  
Quem chora escravo; porque, em seu conceito  
Deixe chorar quem purpuras arrasta,  
Cante que é livre na VERDADE, e basta.»

Ella o resto fará; porque a seu braço  
Reis não resistem, não resistem povos:  
Um raio a nuvem parte e deixa o espaço  
Coalhado d'astros que parecem novos:  
Põe ao sol, que o fecunde, o simples traço,  
Como a grande avestruz os grandes ovos;  
E quem depois no mundo a luz lhe apaga?  
Ninguém apaga a luz que o mundo alaga.

Sacerdocio embusteiro as mãos lhe prega  
Em tronco immovel que seus labios gele;  
Á justiça profana o justo entrega  
(Sua irmã gemea que a verdade expelle:)  
Já das almas senhor o rosto alegre,  
Já morto o canta, sepultado e elle  
Só o consome o incendio que já lavra  
De bocca em bocca, o incendio da PALAVRA.

Nenhum de nós o viu andar prégando,  
Nenhum seu olhar vago lhe notámos,  
Nunca o vimos no ermo a Deus orando,  
Nunca a mão estendida lhe apertámos;  
E por todos seu nome vai passando,  
Todos, os seus preceitos, decorámos...  
E que vá vêr-lhe a campa ao Oriente  
Quem os olhos da carne tem sómente.

Que é um tumulo acaso, esse tributo  
Pago pela materia á vil materia?  
Quem vai na campa alliviar o luto  
Se a vista alonga á amplidão aerea?  
Quem a copia de Deus rebaixa a bruto,  
E a mais que bruto a immortal, etherea,  
Celeste pomba, que em seu vôo a vida  
Em factos deixa ás almas esculpida?

Não me embala inda Homero nos seus braços  
E me pinta nas mãos a natureza?  
Não lhe ouço eu inda a voz...como ouço a espaços  
A voz da grande Fama portugueza...  
Quando me apraz olhar para os pedaços  
D'este grande gigante que a fraqueza  
Expoz aos coices...leão moribundo...  
O rei antigamente d'este mundo?

Eu não sou dos que a patria sua adoram  
Como adora o seu deus o fiel crente.  
Vejo que todos n'uma patria moram  
E sobre todos vejo um céu sómente:  
Mas ame cada qual; que se outros choram  
Nas mãos dos tigres que só comem gente,  
Tambem meus olhos choram seu tormento  
D'onde quer que seus ais me traga o vento.

Deixai ir em seu transito divino  
Desde a Cruz do Calvario na Judêa,  
Té á ponta da espada d' aço fino  
Desembainhada em Italia, o tempo, a idêa.  
Deixai andar a vêr o peregrino  
Onde a ventura abunda, onde escassêa  
Para vos dar, no oiro (Fé e Esperança!)  
Rei e pastor nas conchas da balança.

Ha-de vir esse dia; e se a figueira  
Em abrolhando perto vem o estio,  
Não longe está: a cobra carniceira  
De mil roscas e lugubre assobio  
Que terra come, e come a terra inteira,  
Se á terra inteira se enrolar, despiu  
A pelle enorme com bastantes dôres  
Esfolada por tres imperadores...

Eu não sei qual mais chore; se essa sêde  
De sangue insaciavel dos tyrannos,  
Ou se é a escuridão vossa que eu hei-de  
Antes chorar, oh miseros humanos!  
Que solimão vos deram, loucos! vêde:  
Não vale a gloria que vos faz ufanos  
Um só pingo de sangue, um só, vertido,  
Um gemido de mãi, um só gemido!

É do sangue e das mães que eu fallo; e certo,  
Que ha na vida mais santo? O sangue é vida;  
E as mães fonte da vida: eu nunca esperto  
Esta lampada d'alma, suspendida  
Na abobada eterna e que tão perto  
Parece ter a origem.....  
.....senão quando  
Vejo essa cara imagem suspirando.

Eu amo as mães, seu nome é terno e dôce;  
Sim, amo as mães: nossa alma d'ellas nasce:  
Quem n'um collo de mãe cahiu, achou-se  
D'um pulo ao pé de Deus: a alma pasce  
Lirios celestes vendo-as; e seccou-se,  
.....  
Do casto e candido a sagrada fonte,  
Se ella no tumulto encostou a fronte.

Essa é a virgem-mãe, voz suavissima  
D'esse cantico eterno—o Evangelho;  
A VIRGEM... MÃE... de DEUS! virgem purissima,  
Cheia de graça e de justiça espelho.  
Oh poesia, poesia altissima  
Como o fecho do empyreo! eu me ajoelho  
E beijo a tua base, harpa celeste!  
O coração, a corda que nos deste.

Em que labios se bebem mais delicias,  
Em que face de virgem se desatam  
Rosas mais puras d'intimas primicias,  
Que nas que por dar vida a nós se matam?  
Sempre a bem nosso, a nosso amor propicias  
Na menina dos olhos nos retratam;  
E nunca premio vil em paga pedem  
De quanto, tanto d'alma, nos concedem.

Na montanha da Fé, mulher formosa  
Se ante mim a meus pés desenrolasse,  
Como o demonio, a vastidão pasmosa  
Que elle dava a Jesus se o adorasse;  
E me pedisse em premio uma só coisa  
—As mãos de minha mãe furtar a face;  
Eu lançava-lhe o cuspo, essa tesoura  
Que em mil bocados faz a vacca-loira.

Vêde-a ao berço, sofrega de vida,  
Que a sua é pouca para a dar ao filho;  
Ella em cama de espinhos, mal vestida;  
Elle enfaxado, em berço de tomilho;  
Ella em contínua, azafamada lida,  
Elle vendo se apanha á luz o brilho...  
Já descobrindo em tão tenrinha idade  
Que toda a sua sêde é de verdade.

E esses lobos que em duas patas andam  
Para ter sempre em guarda as outras duas;  
Que a monte sahem só, e só debandam  
Como os ladrões, á noite, pelas ruas;  
A empecer que os animos se expandam,  
Que a luz se espalhe, e que as imagens tuas,  
Bom Deus! de imagens passem: e que admira...  
Sem o sopro que ao barro a vida inspira!

Já se iam vendo os campos relvejando  
Cá da banda do sol n'este horizonte  
Por onde já n'um mar se andou nadando  
E onde apenas se encontra secca fonte;  
E eil-os já os hypocritas minando,  
Cortando ao povo hebreu na marcha a ponte  
Só para que o manná que o céu lhe chove  
No deserto dos reis jámais nem prove.

Retalhou-lhes o labio omnipotente  
O habito comprido, a manga larga,  
Olhar submisso mas lugar na frente;  
E nem despido o monstro a presa larga.  
«São sepulchros caiados, vêde, oh gente!  
Por dentro podridão:» em voz amarga,  
Em voz de grande horror, de grande abalo,  
Christo clamou d'aquelles de quem fallo.0

«Dizimam-te o coentro e a arruda,  
Mas sua consciencia é generosa.  
Chamam-se mestres... de sciencia muda,  
A sciencia da cobra venenosa:  
Olhai, não espia a fera, espreita, estuda  
Toda a volta do dia, mais manhosa,  
Que essa raça de viboras, que espalha  
Veneno em todo o mundo, que coalha.»

Irmãs da Caridade! A Caridade  
Tem só duas irmãs—a Fé e a Esperança:  
Não traja as côres só d'uma irmandade,  
Traja as côres do Arco-da-alliança:  
Leva sósinha o pão da piedade,  
Tira da roda essa infeliz criança...  
Roda da vida, que anda de tal sorte  
Que, em se lhe dando, é já contar com a morte.

Bem dita sejas tu, victima triste  
De um peito amante e d'um amante ingrato!  
Que nunca á mesma loba lançar viste  
Inda mamando o cachorrinho ao mato;  
Bem dita sejas tu, que o que pariste,  
Teu fructo, imagem tua e teu retrato  
Conservas como espelho onde te vejas;  
Bem dita sejas tu, bem dita sejas.

Pára suspensa a pomba no seu vôo  
Ao vêr-te contemplando-o ajoelhada;  
E dizendo-te, a pomba: eu te abençoô  
Da parte do pai nosso, irmã amada!  
Abriste o seio ao dia e fecundou-o  
Aquella luz que o mundo fez de nada,  
E deu ao campo a flôr, á flôr semente  
Com que a mãi os filhinhos seus sustente.

Bem dita sejas tu. Quando se esconde  
Debaixo da tua aza o que criaste,  
Abraça e beija os anjos Deus lá onde  
A jarra está da flôr de que és a haste;  
E um dia que não tenhas pão avonde  
Ou do céo te não chova agua que baste,  
Lança-lhe á luz do dia a mão direita,  
Mostra-lh'o; Deus os filhos não engeita.

Pai não tinha o filhinho de Maria  
E ella o bercinho lhe arma de mil flôres,  
Deixando entrar em casa a luz do dia  
Que em perfume as derreta em seus amores;  
E inda abrindo os olhinhos mal lhe via,  
Já os pinceis preparam os pintores;  
Que o pai d'esse menino... Oh maravilha!  
Os que não teem pai Deus os perfilha.

Deixa passar de largo a desposada...  
De cujo filho o pai quem é, Deus sabe!  
Deixa-a roçar-te os fatos enfadada  
Se contigo na praça a par não cabe:  
Talvez um dia a casa levantada  
Sobre a areia solta ao chão desabe  
E em ruínas se encontre este letreiro:  
«Não era o pai dos teus mais verdadeiro.»

Quem é que nasce aos pares como a rola,  
Ou como a pomba morre em viuvando,  
Que pela vêr sósinha em lodo atola  
Fresca vide que está do chão lançando?  
Acaso é só dourada altiva estola  
Que liga os corpos em as mãos ligando,  
Confunde os corações, e faz em summa  
Que a Deus se elevem duas almas n'uma?

AMOR é a palavra, o brado eterno  
Solto por Deus ao vêr já feito o mundo,  
Que fez tremer os carceres do inferno  
E o sol ficou da côr d'um moribundo:  
A primavera, estio, outono, inverno,  
Terra, céu, alma pura, bicho immundo,  
Tudo ahi cabe á larga de tal modo  
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

Amor enrola a nuvem na montanha  
E espalma a onda em praia que não sente,  
Ata ao raio de sol o fio d'aranha  
E humilha ao conductor o raio ardente.  
Quanto na rede immensa a vista apanha.  
Tudo que jaz e cresce e vive e sente,  
De Deus brotou n'um jorro de bondade  
E póde amar-se em espirito e verdade.

Amo á aurora a luz doirada e clara,  
E ao crepusculo as nuvens da tristeza,  
A solida montanha, a nuvem rara  
Por invisivel fio aos astros presa;  
Amo a ancia feroz, a sêde avara  
Com que a loba parida engole a presa,  
E os crystallinos ais d'ave innocente  
Que comprimenta o sol ingenuamente!

Amo o sopro que parte, esmaga, estala  
Esses corvos que aos bandos vem das ondas  
N'essas noites que o impio até se cala  
Receando, trovão! que lhe respondas...  
E amo o bafo subtil que a flôr embala  
Pedindo-te, botão, que dentro o escondas,  
E as primicias lhe dês que leve áquelle  
Que te fez a ti flôr e vento a elle.

Tu só, que horror! a ti oh não te amo!  
Cheiras-me a sangue tu; teus olhos baços  
Olham, não vêem; tu tens bocca, chamo,  
Não me respondes; tens como eu dois braços,  
E não me abraças; brado afflictio, clamo,  
Tens duas pernas, e não dás dois passos:  
Ris, mas teu riso é d'enrilhados dentes;  
Mettes-me medo; tu, cadaver! MENTES.

Ninguem (prohibe-o Deus) o braço córte  
Que lhe roubou o espirito divino;  
Deus a Cain apaga sul e norte  
E condemna a viver o assassino:  
Mas tu, mentira! symbolo da morte...  
Hypocrisia! teu sorrir felino  
Te deixe arreganhada a bocca aberta,  
Gele-te a morte a mão que a minha aperta.

.....

Evora.

\* \* \* \* \*

Se ao enlaçal-a no peito  
Me cahe desfeita uma flôr,  
Lembras-me, sonho desfeito!  
Sonho d'amor!

Se a borboleta do calix  
D'um lirio aos ares se ergueu,

Lembras-me, estrella dos valles!  
Lirio do céo!

Se inda um affecto em mim vive  
Entre os que mortos possuo,  
Lembras-me, sonho que eu tive!  
Lembras-me tu!

Coimbra.

\* \* \* \* \*

Nunca me ha-de esquecer (ingrata! escuta)  
Não tendo eu mais talvez que os meus dez annos  
Esses olhos crueis, esses tyrannos  
Commigo em porfiada aberta lucta.

Se eu fôra voraz lobo ou fera bruta  
D'entranhas más, instinctos deshumanos,  
Talvez o fructo então de teus enganos  
O não colhesses tu de face enxuta.

Mas eu perdôo-te o mal que me has causado;  
A culpa não é tua e só devia  
Vingar-me em quem tão bella te ha formado.

E hei-de vingar-me, crê; mas isso um dia  
Depois d'um beijo teu me pôr em estado  
De disputar a Jove a primazia.

Evora.

## **DINHEIRO**

O dinheiro é tão bonito,  
Tão bonito, o maganão!  
Tem tanta graça o maldito,  
Tem tanto chiste o ladrão!  
O fallar, falla d'um modo...

Todo elle, aquelle todo...  
E ellas acham-no tão guapo...  
Velhinha ou moça que veja,  
Por mais esquiva que seja,  
*Tlim!*  
Papo.

E a cegueira da justiça  
Como elle a tira n'um ai!  
E sem pegar n'uma pinça;  
É só dizer-lhe: ahi vai...  
Operação melindrosa  
Que não é lá qualquer coisa;  
Catarata! tome conta:  
Pois não faz mais do que isto,  
Diz-me um juiz que o tem visto:  
*Tlim!*  
Prompta.

N'essas especies de exames  
Que a gente faz em rapaz,  
São milagres aos exames  
O que aquelle diabo faz.  
Sem saber nem patavina  
De grammatica latina,  
Quer-se a gente d'alli fóra?  
Vai elle com taes fallinhas,  
Taes gaifonas, taes coisinhas...  
*Tlim!*  
Ora...

Aquella physionomia  
E labia que o diabo tem!

Mas n'uma secretaria  
Ahi é que é vêl-o bem!  
Quando elle, de grande gala,  
Entra o ministro na sala,  
Aproveita a occasião:  
Conhece este amigo antigo?  
—Oh meu tão antigo amigo!  
*(Tlim!)*  
Pois não!

Coimbra.0

## DUVIDA

Amas-me a mim! Perdôa;  
É impossível! Não,  
Não ha quem se condôa  
Da minha solidão.

Como podia eu, triste,  
Ah! inspirar-te amor,  
Um dia que me viste,  
Se é que me viste... flôr!

Tu, bella, fresca e linda  
Como a aurora, ou mais  
Do que a aurora ainda,  
Mal ouves os meus ais!

Mal ouves porque as aves  
Só soltam de manhã  
Seus canticos suaves;  
E tu és sua irmã!

De noite apenas trina  
O triste rouxinol:  
Toda a mais ave inclina  
O collo ao pôr do sol.

Porquê? porque é ditosa!  
Porquê? porque é feliz!  
E a que sorri a rosa?  
Ao mesmo a que sorris!

Á luz doirada e pura  
Do astro creador.  
Á noite, não, que é escura,  
Causa-lhe a ella horror.

Ora uma nuvem negra,  
Uma pesada cruz,  
Uma alma que se alegra  
Só quando vê a luz

De que elle, o sol, inunda  
O mar, quando se põe!  
Imagem moribunda  
D'um coração... que foi!

Uma alma semelhante  
Não póde captivar  
Um rosto tão galante,  
Um tão galante olhar!

E eu vi os caracteres  
Que a tua mão traçou:  
Mas vós... ah! vós, mulheres,  
Quem já vos decifrou!

Mal te sustinha o pulso  
A delicada mão!  
Sentia-te convulso  
Bater o coração!

Via-te arfar o seio...  
Corar... mudar de côr...  
E embora, ah! não, não creio...  
Tu não me tens amor!

Portimão.

## CATURRAS

Ah! compadre, a gente foge,  
Desabelha com calor;  
Aqui faz fresco na loge,  
É onde se está melhor;  
Mas que calor que fez hoje!

—Pois, olhe, assim eu me dêsse  
De inverno quando faz frio,  
Como agora que elle aquece.  
Tome dois banhos no rio,  
Logo vê como arrefece.

—Compadre, nunca me traga  
Taes coisas á collação;  
Lembra-me a maldita draga,  
Compadre do coração!  
Não me falle n'essa praga!

—Tenho-lhe a mesma amizade  
Que o meu compadre lhe tem,  
Às vezes dá-me vontade  
Até de a tragar também...  
Digo-lhe isto com verdade.

—Ha-de isto chegar a pontos  
Que quem viver ha-de vêr!  
Já lá vão setenta contos,  
E a draga a apodrecer,  
E trabalhos nenhuns promptos.

—Setenta, diz o compadre?  
Dão-lhe elles esse verniz...  
Lá como a sua comadre...  
Mas eu cá o que ella diz  
É como o que diz o padre...

—Pois inda isso continúa?  
—Eu sei lá, compadre, eu sei!  
Ora canta, ora se amua...  
Eu é que já me lembrei  
De a pôr um dia na rua!

—Compadre, tenha miolo,  
Isso não se faz assim;  
Eu não me tenho por tolo,  
E ponha os olhos em mim...  
Sirva-lhe isso de consolo.

—Pois bem sei que é ninharia,  
Mas o compadre o que quer?  
Estimo a minha Maria,  
E isto de homem com mulher...  
Mas vamos á vacca fria:

Com que a draga...—É empregada,  
Coisa que nunca se viu,  
Sendo uma peça aceada,  
A tirar lama do rio!  
Parece isto caçoada...

—E caçoada indecente  
Porque outra coisa não é.  
Mais economicamente  
Quando vasasse a maré  
A tirava mesmo a gente.

—E depois aquillo é lodo  
Que nunca póde prestar.  
Veja aterrar o caes todo  
Quando não ha-de importar...  
É gastar dinheiro a rodo.

—Haja decima e derrama;  
Por causa do quê? do caes,  
Da draga ou como se chama,  
E outras coisinhas que taes  
Que tudo a final é lama.

Pois sendo tudo bem feito  
Como á antiga, vá lá!  
Mas olhe, o caes não tem geito;  
De tudo quanto alli ha,  
A meu gosto, o parapeito.

—Sim, senhor, obra segura,  
Obra como deve ser;  
Feio e forte; é o que dura:  
Foi sempre o que ouvi dizer  
A quem está na sepultura...

—Mas era tudo escusado;  
N'esta, compadre, é que estou;  
E isto dá-me algum cuidado,  
Que o que meu pai me deixou  
Não foi nada mal ganhado.

—Pois e, se quer que lhe conte,  
Já se ahi falla outra vez  
Em mandar fazer a ponte:  
Cuida esta gente talvez  
Que temos alguma fonte...

—E havendo então uma barca...  
Como a Arca de Noé!  
Lá porque a gente se enxarca  
E não póde andar a pé  
Quando embarca e desembarca.

—Escarranchem-se ao cachaço  
Dos marujos: pois então?  
Cá em taes obras nem passo  
Que pernas minhas darão;  
É gosto que lhes não faço.

—Nada! havemos de ir agora  
Vêr ambos o que lá vai;  
Que a nós aquillo por ora  
Bem sei que nos não distrahe;  
Mas temos pouca demora.

—Pois vamos, compadre, vamos.  
Sentamo-nos nos poiaes,  
Alli mesmo conversamos  
Ambos sósinhos no caes,  
E depois logo voltamos.

Portimão.0

\* \* \* \* \*

*Così trapassa, al trapassar d'un giorno,  
Della vita mortale il fiore e 'l verde,  
Nè, perchè faccia indietro april ritorno  
Si rinfiora ella mai, nè si rinverde.*

TASSO.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo  
A luz que n'esta vida me guiava,  
Olhos fitos na qual até contava  
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,  
Já se me a luz de tudo anuveava;  
Despontava ella apenas, despontava  
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura  
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)  
Quiz mostrar-me que, o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,  
Nem saiba eu nunca a minha desventura  
Contar aos que inda em vida não choraram.

Ah! quando no seu collo reclinado,  
—Collo mais puro e candido que arminho,

Como abelha na flôr do rosmaninho  
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos... (que era vêl-os,  
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)  
Lia na sua bocca a Biblia Santa  
Escrepta em letra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo  
Em seus labios de rosa pouco aberta,  
Como timida pomba sempre álerata,  
Me impunha ora silencio ora segredo;

Quando, como a alveloa, delicada  
E linda como a flôr que haja mais linda  
Passava como o cysne, ou como, ainda  
Antes do sol raiar, nuvem doirada;

Quando em balsamo d'alma piedosa  
Ungia as mãos da supplice indigencia,  
Como a nuvem nas mãos da Providencia  
Uma lagrima estilla em flôr sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço  
Estendendo-me os braços, como estende  
O symbolo d'amor que as almas prende,  
Me dizia... o que ás mais dizer não oiço;

Quando, se negra nuvem me espalhava  
Por sobre o coração algum desgosto,  
Conchegando-me ao seu candido rosto,  
No perfume d'um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando  
E a neve de seu collo e seu vestido  
—Pomba que do seu par se ia perdido,  
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Tinha o céo da minha alma as sete côres,  
Valia-me este mundo um paraíso,  
Distillava-me a alma um dôce riso,  
Debaixo de meus pés nasciam flôres.

Deus era inda meu pai. E em quanto pude  
Li o seu nome em tudo quanto existe

—No campo em flôr, na praia arida e triste,  
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Virtude! Que é mais que um nome  
Essa voz, que em ar se esvái,  
Se um riso que ao labio assome  
N'uma lagrima nos cái!

Que és, virtude, se de luto  
Nos vestes o coração?  
És a blasphemia de Bruto  
—Não és mais que um nome vão.

Abre a flôr á luz, que a enleva,  
Seu calix cheio d'amor,  
E o sol nasce, passa e leva  
Comsigo perfume e flôr!

Que é d'esses cabellos d'oiro  
Do mais subido quilate,  
D'esses labios escarlata,  
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito, que ainda  
O coração me perfuma!  
Que é do teu collo de espuma,  
Pomba linda!

Que é d'uma flôr da grinalda  
Dos teus doirados cabellos,  
D'esses olhos, quero vêl-os,  
Esmeralda!

Que é d'essa alma que me déste!  
D'um sorriso, um só que fosse,  
Da tua bocca tão dôce,  
Flôr celeste!

Tua cabeça que é d'ella  
A tua cabeça d'oiro,  
Minha pomba! meu thesoiro!  
Minha estrella!

De dia a estrella d'alva empallidece;  
E a luz do dia eterno te ha ferido.

Em teu languido olhar adormecido  
Nunca me um dia em vida amanhecesse.

Foste a concha da praia. A flôr parece  
Mais ditosa que tu. Quem te ha partido,  
Meu calix de crystal, onde hei bebido  
Os nectares do céu... se um céu houvesse!

Fonte pura das lagrimas que choro!  
Quem tão menina e moça desmanchado  
Te ha pelas nuvens os cabellos d'oiro!

Some-te, vela de baixel quebrado!  
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!  
É n'este mundo mais um desgraçado.

E as desgraças, podia prevel-as  
Quem a terra sustenta no ar,  
Quem sustenta no ar as estrellas,  
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prevêr a desgraça,  
Deus podia prevêr e não quiz;  
E não quiz, não... se a nuvem que passa  
Tambem póde chamar-se infeliz!

A vida é o dia d'hoje,  
A vida é ai que mal sôa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que vôa;  
A vida é sonho tão leve  
Que se desfaz como a neve

E como o fumo se esváí:  
A vida dura um momento,  
Mais leve que o pensamento,  
A vida leva-a o vento,  
A vida é folha que cáí!

A vida é flôr na corrente,  
A vida é sôpro suave,  
A vida é estrella cadente,  
Vôa mais leve que a ave;  
Nuvem que o vento nos ares,  
Onda que o vento nos mares,  
Uma após outra lançou,  
A vida—penna cahida

Da aza d'ave ferida—  
De valle em valle impellida,  
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga  
Leva na trança os lirios que lhe puz,  
E a luz quando se apaga  
Leva aos olhos a luz;

Como os ávidos olhos d'um amante  
Levam comsigo a luz d'um dôce olhar,  
E o vento do levante  
Leva a onda do mar;

Como o tenro filhinho quando expira  
Leva o beijo dos labios maternaes,  
E á alma que suspira  
O vento leva os ais;

Ou como leva ao collo a mãi seu filho,  
E as azas leva a pomba que voou,  
E o sol leva o seu brilho,  
O vento m'a levou.

E tu és piedoso,  
Senhor! és Deus e pai!  
E ao filho desditoso  
Não ouves um só ai!  
Estrellas déste aos ares,  
Dás perolas aos mares,  
Ao campo dás a flôr,  
Frescura dás ás fontes,  
O lirio dás aos montes  
E tiras-m'a, Senhor!

Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,  
Estendo os braços e, palpando o mundo,  
O céo, a terra e o mar vejo a meus pés;  
Buscando em vão a imagem do meu anjo,  
Soletro á froixa luz d'um moribundo  
Em tudo só—talvez...

Talvez é hoje a Biblia, o livro aberto  
Que eu só ponho ante mim nas rochas, quando  
Vou pelo mundo vêr se a posso vêr;  
E onde, como a palmeira do deserto,

Apenas vejo aos pés, inquieta, ondeando  
A sombra do meu sêr.

Meu sêr, voou na aza da aguia negra  
Que, levando-a, só não levou comsigo  
D'esta alma aquelle amor!  
E quando a luz do sol o mundo alegra,  
Chrysalida nocturna, a sós commigo,  
Abraço a minha dôr!

Dôr inutil! Se a flôr, que ao céo envia  
Seus balsamos, se esfolha, e tu no espaço  
Achas depois seus atomos subtis;  
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia,  
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso!...  
Dante... a sua Beatriz!

—Nunca; responde a folha que o outono,  
Da haste que a sustinha a mão abrindo,  
Ao vento confiou:  
—Nunca; responde a campa onde, do somno,  
E quem talvez sonhava um sonho lindo,  
Um dia despertou.

—Nunca; responde o ai que o labio vibra;  
—Nunca; responde a rosa que na face  
Um dia emmurcheceu:  
E a onda, que um momento se equilibra  
Em quanto diz ás mais: deixai que eu passe!  
E passou e... morreu!

Coimbra.0

## MÃI E FILHO

Primicias do meu amor!  
Meu filhinho! do meu seio  
Tenro fructo que á luz veio  
Como á luz da aurora a flôr!

Na tua face, innocente,  
De teu pai a face beijo,  
E em teus olhos, filho, vejo  
Como Deus é providente.

Via em lamina doirada  
O meu rosto todo o dia  
E a minha alma não se havia  
De vêr nunca retratada?

Quando o pai me unia á face,  
E em seus braços me apertava,  
Pomba, ou anjo nos faltava  
Que ambos juntos abraçasse!

Felizmente, Deus que o centro  
Vê da terra e vê do abysmo,  
Que bem sabe no que eu scismo,  
Na minha alma um altar viu dentro:

Mas com lampada sem brilho,  
Sem o deus a que era feito...  
Bafeja-me um dia o peito,  
E eis feito o meu gosto, filho!

Como em lagrimas se espalma  
Dôr intima e se esvaece  
D'alma o resto quem podesse  
Vasar n'um beijo em tua alma!

Mas em ti minha alma habita!  
Mas teu riso a vida furta...  
Mas (que importa!) morte curta!  
Se um teu beijo resuscita!

Coimbra.

\* \* \* \* \*

Toca a capello, vou vêl-o  
E vejo de toda a côr,  
Não doutores de capello,  
Mas capellos de doutor.

Coimbra.

\* \* \* \* \*

Amas, pobre animal! e tens tu pena?...  
Sim, póde na tua alma entrar piedade?  
Se póde entrar, eu sei! Negar quem ha-de  
Amor ao tigre, coração á hyena!

Tudo no mundo sente: o odio é premio  
Dos condemnados só, que esconde o inferno.  
Tudo no mundo sente: a mão do Eterno  
A tudo deu irmão, deu par, deu gêmeo.

A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...  
Esta fera, que as unhas encolhendo  
Pelos hombros me trepa e vem, correndo,  
Beijar-me... Só não vivo! amado existo!

Evora.

**NÃO!**

Tenho-te muito amor,  
E amas-me muito, creio;  
Mas, ouve-me, receio  
Tornar-te desgraçada.  
O homem, minha amada!  
Não perde nada, goza;  
Mas a mulher é rosa...  
Sim, a mulher é flôr!

Ora e, a flôr, vê tu  
No que ella se resume...  
Faltando-lhe o perfume,  
Que é a essencia d'ella,  
A mais viçosa e bella  
Vê-a a gente e... basta.  
Sê sempre, sempre, casta!  
Terás... quanto possuo!

Terás, em quanto a mim  
Me alumiar teu rosto,  
Uma alma toda gosto,  
Enlevo, riso, encanto!  
Depois, terás meu pranto  
Nas praias solitárias...  
Ondas tumultuárias  
De lágrimas sem fim!

Á noite, que o pezar  
Me arrebatou de casa,  
Irei na campa rasa  
Que resguardar teus ossos,  
Ah! recordando os nossos  
Tão venturosos dias,  
Fazer-te as cinzas frias  
Ainda palpitar!

Mil beijos, doce bem!  
Darei no pó sagrado,  
Em que se houver tornado  
Um corpo tão galante!  
Com pena, minha amante,  
De me não ter a morte  
Cahido a mim em sorte...  
Cahido a mim também!

Já exhalando os ais  
Na lugubre morada  
Te vejo a sombra amada  
Sahir da sepultura...  
A tua imagem pura,  
Fiel, mas illusoria...  
Gravada na memória  
Em traços tão leaes!

Então, se ainda allí  
Teus vaporosos braços,  
Poderem dar abraços  
Como dão hoje em dia,  
Peço-te, sombra fria!  
No mais íntimo d'elles  
Que a mim também me geles,  
E fique ao pé de ti!

Mas, ai! meu coração!  
Tu porque assim te afliges,  
E tremula diriges  
A vista ao céu piedoso!...  
O quadro é horroroso,  
A scena triste e feia,  
Basta encerrar a idéa  
D'uma separação...

Mas, ouve, existe Deus.  
Ora e, se Deus existe,  
Tão horroroso e triste  
Que podes temer? Nada!  
Desfruta descansada  
O extasi, o enleio  
Em que eu já saboreio  
O jubilo dos céos!

Deixa-me n'esse olhar  
Vêr como a lua assoma...  
Sim, deixa no aroma,  
Que a tua bocca exhala,  
Vêr como a rosa falla  
Quando a aurora a inspira...  
Vêr como a flôr suspira  
Por vêr o sol raiar!

A morte para amor  
É exito sublime.  
A morte para o crime,  
É que é amarga e feia.  
A morte não receia  
O verdadeiro amante;  
Por ella a cada instante  
Implora elle o Senhor.

É juntos, tu verás,  
Que nós expiraremos!  
Sim, juntos, que os extremos  
Olhares cambiando,  
Iremos despegando,  
Do involucro terreno,  
O espirito sereno  
Como a eterna paz!

Vê, só porque supuz  
Chegado esse momento,  
Já esse olhar mais lento...  
As vistas mais serenas...  
Bruxuleando apenas,  
Em languido desejo,  
Symphatico lampejo  
D'uma ineffavel luz!0

Ha, n'este triste valle  
De lagrimas, a imagem  
De dois n'essa passagem  
Para a eternidade...  
A nevoa, a anciedade,  
O jubilo que mata,  
Dão uma idéa exacta  
Do transito fatal.

Mas essa imagem, flôr!  
É tão fiel, tão viva  
Que á sua luz activa  
Se cresta a flôr mimosa!  
E nem o homem goza:  
Se goza é um momento!  
Depois... o desalento!  
Depois... o desamor!

Portimão.

### NA FOLHA D'UM ROMANCE

Moldada ao bem nasci, mas debil planta  
Verguei de vicio ao sopro pestilente;  
D'entre o vicio porém minha alma ardente  
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levanta  
N'um pobre coração inexperiente,  
D'elles a culpa é toda! uma innocente  
Não consulta a razão, razões supplanta.

Cahi, verguei, Senhor! já pervertida  
Graças, beijos vendi, vendi belleza,  
Triste commercio de mulher perdida.

Oh! mas, Deus do amor! foi só fraqueza:  
De impias mãos me arrancai, tirai-me a vida,  
Alcance-me o perdão mortal tristeza!

Messines.

\* \* \* \* \*

Lagrima celeste,  
Perola do mar,  
O que me fizeste  
Para me encantar!

Ah! se tu não fosses  
Lagrima do céu,  
Lagrimas tão doces  
Não chorára eu.

Se nunca te visse  
Bonina do val,  
Talvez não sentisse  
Nunca amor igual.

Pomba desmandada,  
Que é dos filhos teus,  
Luz da madrugada,  
Luz dos olhos meus!

Meu suspiro eterno,  
Meu eterno amor,  
D'um olhar mais terno  
Que o abrir da flôr,

Quando o nectar chora,  
Que se lhe introduz,  
Ao romper da aurora,  
Ao raiar da luz,

Por entre a folhagem  
Onde mal se vê,  
Como a terna imagem  
Da que eu adorei.

Que esta voz te enleve,  
Que este adeus lá sôe,  
Que o Senhor t'o leve,  
Que Deus te abençõe.

Que o Senhor te diga  
Se te adoro ou não,  
Minha dôce amiga  
Do meu coração!

Se de ti me esqueço,  
Se já me esqueci,  
Ou se mais lhe peço,  
Do que vêr-te a ti;

A ti que amo tanto  
Como a flôr a luz,  
Como a ave o canto,  
E o Cordeiro a cruz,

E a campa o cypreste,  
E a rola o seu par,  
Lagrima celeste!  
Perola do mar!

Coimbra.

### **DESCALÇA!**

Quem és, que ao vêr-te o coração suspira,  
E em puro amor desfaz-se!  
Raio crepuscular do sol que nasce,  
De lampada que expira!

Como os teus pés são lindos! como é dôce  
A curva do teu peito!  
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,  
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre  
Teu meigo humido labio!  
E, virgem! como Deus foi justo e sabio  
Em te fazer tão pobre!

Não tens fofo velludo onde se atole  
Tua angelica imagem;  
Mas quando é bello o céo, bella a paizagem  
E quando é bello o sol?

Limpo de nuvens, nú, derrete a neve  
E a aguia até desmaia.  
Tu não tens mais do que uma pobre saia,  
E essa, curtinha e leve.

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;  
Onde te abaixa, desce...  
És como a rosa! A rosa nasce e cresce,  
Não para estar occulta.

O que te falta pois? os teus desejos  
Quaes são? de que precisas?  
Ah! não ser eu o marmore que pisas...  
Calçava-te de beijos!

Coimbra.

## **ADEUS!**

Adeus tranças côr de oiro,  
Adeus peito côr de neve!  
Adeus cofre onde estar deve  
Escondido o meu thesoiro!

Adeus bonina, adeus lirio  
Do meu exilio d'abrolhos!  
Adeus oh luz dos meus olhos  
E meu tão dôce martyrio!

Desfeito sonho doirado,  
Nuvem desfeita de incenso,  
Em quem dormindo só penso,  
Em quem só penso acordado!

Visão sim mas visão linda!  
Sonho meu desvanecido!  
Meu paraíso perdido  
Que de longe adoro ainda!

Nuvem, que ao sopro da aragem  
Voou nas azas de prata,  
Mas no lago que a retrata  
Deixou esculpida a imagem!

Rosa d'amor desfolhada  
Que n'alma deixou o aroma,  
Como o deixa na redoma  
Fina essencia evaporada!

Adeus sol que me alumia  
Pelas ondas do oceano  
D'esta vida, d'este engano,  
D'este sonho d'um só dia!

No mesmo arbusto onde o ninho  
Teceu a ave innocente  
Se volta a quadra inclemente  
Acha abrigo o passarinho:

Mas eu n'esta soledade  
Quando em meus sonhos te estreito,  
Rosto a rosto, peito a peito,  
Acordo e acho a saudade!

Adeus pois morte! adeus vida!  
Adeus infortunio e sorte!  
Adeus estrella do norte!  
Adeus bussola perdida!

Coimbra.0

### **A VICTORIA COLONNA**

Não sei que ha de divino, força é crêl-o  
N'esses teus olhos d'uma luz tão pura  
Que, ao vêl-os, tive logo por segura  
Aquella paz que é meu constante anhel-o.

Filha de Deus, nossa alma aspira a vêl-o;  
Desprezando caduca formosura,  
Ella, em seu giro eterno, só procura  
A fórma, o typo universal do bello.

Não póde amar, não deve, uma alma casta  
Fugaz beleza, graça transitoria,  
Coisa que o tempo leva, o tempo gasta.

Nem tambem alma digna de memoria  
Póde amar o prazer, que o bruto arrasta,  
Em vez do puro amor—sombra da gloria.

MIGUEL-ANGELO.

Coimbra.

### N'UM CONVENTO

Como a agua em funda gruta  
Gotta a gotta filtra e cái,  
Sem saber quem isso escuta  
O que lá por dentro vai:

Como ao longe incerta e baça  
N'uma igreja alveja a luz,  
Que da lampada esvoaça  
E a vidraça reproduz:

Mal te vi, moira encantada!  
Mas á luz dos olhos teus  
Murcha a lampada sagrada  
D'um altar do nosso Deus.

Mal te ouvi, mas as suaves  
Melodias, que te ouvi,  
São mais dôces que as das aves  
Da aldêa onde nasci!

Quem teve, bella captiva,  
Coração de te deixar  
Aqui enterrada viva,  
Sem amor, sem luz, sem ar!

Era cego e surdo, juro,  
O miseravel algoz  
Que não viu olhar tão puro,  
Não ouviu tão pura voz!

Eu não tendo a faculdade  
D'arrazar esta prisão,  
Sacrifico a liberdade  
Por tão doce escravidão!...

Coimbra.

## SONHO

Ha muitos sonhos de imaginação,  
De mera phantasia:  
Outros, que são a voz da prophecia,  
A voz da intuição,  
A voz do coração.

Pões fé em sonhos taes, Maria?... Pões?  
E fazes bem, que ás vezes  
Sonha a gente venturas e revezes,  
Que se tornam depois  
Bem certos! Ouve pois:

Sonhei que era n'um valle. Anoteceu.  
Então duas estrellas.  
(Tão lucidas, tão limpidas, tão bellas!)  
Vieram lá do céo  
Alumiar-me. E eu...

Não sabia e pergunto: o que buscaes,  
Alampadas celestes!  
Vós, cá por este mundo... o que perdestes?  
Na terra não achaes  
Senão prantos e ais!

Respondem-me as estrellas (como a quem  
As tivesse captivas,  
Tão tremulas! as bellas fugitivas)  
—Buscavamos alguém  
Que nos quizesse bem:

É sorte nossa, é nossa condição  
Dar luz, ser norte e guia;  
Mas de mais boamente se alumia  
Na terra um coração  
Que nos tem affeição.—

—Pois e se vós do céu, lá onde até  
Se ignora o que são dôres,  
Vindes á terra procurar amores,  
Estrellas! se assim é,  
Tendes-me aqui ao pé:

Que em summa a noite da minha alma é tal  
Que eu pobre viajante  
Ando... se para traz, se para diante,  
N'este profundo val,  
Não sei nem bem mal.

Guiai-me pois, estrellas do Senhor!  
E a jura que vos faço  
É que na terra não darei um passo  
Senão só por amor  
Do vosso resplendor!—

Ellas então sorrindo-se, que eu vi,  
Tão meigas e suaves!  
Voaram como duas lindas aves;  
Indo poisar ahi...  
N'esse teu rosto... em ti!

Lisboa.

### Á VISTA D'UM RETRATO

Amo-te, flôr! Se te amo, Deus que o sabe  
Que o diga a teus irmãos, que o céu povoam,  
E ebrios de gloria canticos entoam  
A quem no mar, na terra e céos não cabe.

Se te amo, flôr! que o diga o mar—que expelle  
Quanto é dominio, beija humilde a praia:  
Se mal que a lua lá das ondas sáia  
Nas rochas me não vê gemer com elle.

Amo-te, flôr! se te amo, o sol que o diga!  
Quanto lá da montanha aos céos se eleva,  
Se entre os vermes do pó que o vento leva,  
Me banha a mim tambem na luz amiga.

Se te amo, flôr? Sem ti, que noite escura,  
Meu céu, meu campo em flôr, meu dia e tudo!  
Diga-te a noite minha se te illudo,  
Se em vida já sem ti, sonhei ventura!

O anjo que a berço humilde e escasso  
Do céu me veio alumiar piedoso,  
E em lágrimas e riso, pranto e gozo,  
Desde então me acompanha passo a passo;

És tu! Amo-te e muito! O que fluctua  
Na fornalha que o sopro eterno accende,  
Não beija a mão do anjo que o suspende  
Com mais amor que eu beijo a sombra tua!

Coimbra.

## A LUA

Esse olhar silencioso  
Em que lingua se traduz?  
Falla-me, oh astro saudoso,  
Luz do céu, pallida luz!  
Que aereas visões me acordas,  
Que imagem, lua, recordas  
N'essa prateada côr?  
Que ha em ti, que a dôr mitiga,  
Que ha em ti, lampada amiga,  
De meigo e consolador?

Escuta, pallida lua,  
Dá-me um sorriso dos teus,  
Dá-me uma lagrima tua,  
Se és a pupilla de Deus!  
Vê que outros mimos não tenho,  
Que em tua face desenho  
A face do meu amor:  
Uma só lagrima! fria,  
Que ella me cáia... diria  
Que uma lagrima cahia  
Do céu ao menos na dôr!

Coimbra.0

## JOVEN CAPTIVA

Respeita a foice a espiga verde ainda;  
Sem medo da vindima, o estio inteiro,  
Bebe o pampano as lagrimas da aurora:  
E eu verde como a espiga, tenra e linda  
Como o pampano, hei-de morrer? não quero:  
Quero, mas não por ora!

Talvez que a outrem, morte, grata fosses.  
Espero! Embora em lagrimas me lave,  
Varre-me o norte a mim a face? inclino-a.  
Se ha dias tristes, ai! ha-os tão dôces...  
Sem amargo, que mel, por mais suave  
Que mar, em paz continua?

Benefica illusão meu seio habita.  
Sepulte-me este carcere inhumano;  
A aza nivea da fé não se agrilhôa.  
Escapa ao laço da prisão maldita,  
Mais viva e alegre, a esse aereo oceano,  
A alvéloa canta e vôa.

Hei-de morrer? porque? se não diviso  
Em minha alma um remorso; durma ou vele,  
Se eu velo e durmo em paz, na paz do justo!  
Se em cada rosto a luz me abre um sorriso;  
Aqui mesmo, onde a mágoa o riso expelle;  
E a luz assoma a custo!

O fim do meu destino é lá tão longe!  
Quantos passei dos alemos que adornam  
Esta bella viagem? Assentada  
Ao banquete da vida apenas hoje,  
A taça ainda cheia as mãos entornam,  
Dos labios illibada.

Estou na primavera, oh segadores!  
E as mais quadras do anno havia agora  
De não acompanhar o sol? havia?  
Debruçada em meu pé, gloria das flôres,

Eu não vi mais do que raiar a aurora;  
Quero acabar meu dia.

Espera um pouco, oh morte! nada perdes.  
Antes consola os que o remorso, o medo,  
O desalento pallido devora!  
Guarda-me ainda o campo grutas verdes!  
As musas, cantos! e o amor... Segredo!  
Não morro, não, por ora!

Assim, encarcerada, o rosto lindo  
E a vista alçando a regiões ignotas,  
Minha musa entoou na fé mais viva:  
E eu, as languidas mágoas sacudindo,  
Moldei em dôce verso as dôces notas  
D'essa joven captiva!

ANDRÉ-CHÉNIER.

Coimbra.

\* \* \* \* \*

Mulher! quando nos braços  
Te escuto uma canção,  
Não vês em meus abraços  
Profunda commoção?  
É que o teu canto á mente  
Me traz vida melhor...  
Ah!

Cantai continuamente,  
Cantai, oh meu amor!

Quando sorris, assume  
Teu rosto uma expressão,  
Que o mais feroz ciume

Se desvanece então.  
Sorriso tal desmente  
Um coração traidor...  
Ah!  
Sorri continuamente,  
Sorri, oh meu amor!

Quando tranquilla e pura,  
Te estou a vêr dormir,  
Que vozes se afigura  
Teu halito exprimir?  
Contemplo então contente  
Teu corpo encantador...  
Ah!  
Dormi continuamente,  
Dormi, oh meu amor!

*Letra de V. HUGO. Musica de GOUNOD.*

Lisboa.

## **UM BEIJO**

Seria o beijo  
Que te pedi,  
Dize, a razão  
(Outra não vejo)  
Porque perdi  
Tanta afeição?

Fiz mal, confesso;  
Mas esse excesso,  
Se o commetti,  
Foi por paixão,  
Sim, por amor  
De quem?... de ti!  
Tu pensas, flôr,  
Que a mulher basta  
Que seja casta,  
Unicamente?  
Não basta tal.  
Cumpre ser boa,  
Ser indulgente.

Fiz-te algum mal?  
Pois bem: perdôa!

É tão suave  
Ao coração  
Mesmo o perdão  
D'offensa grave!  
Se o alcançasse,  
Se o conseguisse,  
Quizera então  
Beijar-te a mão,  
Beijar-te a face...  
Beijar? que disse!  
(Que indiscrição...)  
Perdão! perdão!

Lisboa.

### FRANCISCA DE RIMINI

Disse eu então: poeta, vês aquelles,  
Abraçados, velozes como o vento?  
Desejava poder fallar com elles.

—Chamando-os com enternecimento,  
Em cá passando mais do nosso lado,  
São dois amantes, lograrás o intento.

Assim que o vento os aproxima, brado:  
Oh almas d'uma eterna anciedade,  
Vinde fallar-me, se vos isso é dado.

Como um casal de pombas, com saudade  
Do ninho, vem no ar, d'aza espalmada,  
Não mais que por impulso da vontade;

Rompendo aquella aragem empéstada,  
Acodem lá do bando onde anda Dido  
Á supplica tocante e magoada.

«Ah mortal generoso e condoído,  
Que nos visita n'este escuro horrendo,  
Deixando nós de sangue o chão tingido!

«Do Senhor impetráramos podendo,  
Já que tens dó do nosso mal enorme,  
O teu descanso eterno em fallecendo.

«Queiras ouvir-nos ou fallar, conforme,  
É só dizer ou perguntar, mais nada;  
Em quanto o vento, como agora, dorme.

«A terra, onde nasci, fica assentada  
Na praia onde a final o Pó descança,  
E os que o seguem na marcha arrebatada.

«Amor, que em nenhum moço acha esquiva  
Predeu este a um corpo... que roubado  
Foi á minha alma em barbara vingança!

«Amor, que obriga amar quem é amado,  
Poz-me com elle tão condescendente,  
Que ainda, como vês, me anda abraçado.

«Amor nos deu a morte juntamente.  
Quem nos matou irá para as Caínas.»  
Disseram elles isto fielmente.

Depois d'ouvir as victimas mofinas,  
Scismando cabisbaixo, em tal postura,  
Pergunta-me o poeta: em que imaginas?

Começo respondendo: oh desventura!  
Quanta esperança! quanta sympathia  
A ambos não cavou a sepultura!

E voltando-me a quem me referia:  
Olha Francisca! dó dos teus tormentos  
Estas lagrimas tristes desafia.0

Mas na quadra dos vagos sentimentos,  
Conta-me: como foi que conheceste  
Os amorosos languidos momentos!

«O desgosto maior d'um triste é este,  
Fallar do tempo que passou, confesso:  
Que o diga o proprio guia que trouxeste

«Mas desejando tu com tanto excesso  
Conhecer de raiz esta amizade,  
Entre vozes e lagrimas começo:

«Liamos ambos, por curiosidade,  
Certa historia d'amores, que idearam,  
Nós sós, um dia, livres de maldade.

«Muita vez nossos olhos se espantaram,  
E descoramos, lendo a historia estranha;  
Mas dos lances que mais nos abalaram,

«Foi quando em summa o terno amante apanha  
O dôce beijo, por que andava ardendo:  
Este, que eternamente me acompanha,

«Beija-me a bocca a mim, todo tremendo!  
A culpa foi do livro que se lia!  
Não se continuou o dia lendo.»

Em quanto assim Francisca respondia,  
Chorava Paulo, a ponto, d'aterrado  
Me vêr nas convulsões da agonia,  
E cahir, como um corpo inanimado!

DANTE.

Lisboa.

## PAIXÃO

Suppõe que d'uma praia, rocha ou monte,  
Com essa vista embaciada e turva  
Que dá aos olhos entranhavel dôr;  
Tinhas podido vêr transpôr a curva,  
Pouco a pouco, do liquido horisonte,  
A saudosa barca, que levasse  
Aquelle, a quem primeiro uniste a face  
E o teu primeiro amor!

Depois, que toda mágoa e saudade,  
Da mesma rocha ou alcantil deserto,  
Olhando ávidamente para o mar;  
Vias na solitaria immensidade,  
Vagas ficções d'um pensamento incerto,

Surgir das ondas, desfazer-se em espuma;  
Não alvejando, nunca, vela alguma  
E, sempre, a suspirar.

Até que á luz d'uma intuição sublime  
D'alma arrancavas o gemido extremo  
De saudade, desespero e dôr!...  
Pois é assim que eu soffro, assim que eu gemo!  
Que nuvem negra o coração me opprime;  
Nuvem de mágoa, nuvem de ciume,  
Em te não vendo á hora do costume,  
Meu anjo e meu amor!

Lisboa.

### **ESCREVE!**

Não sei o que suppôr  
Do teu silencio. Escreve!  
Quem é amado deve  
Ser grato ao menos, flôr!  
Se eu fosse tão feliz  
Que te fallasse um dia  
De viva voz, diria  
Mais do que a carta diz.  
Mas, olha, tal qual é  
Não rias d'esse escripto  
Que, pouco ou muito, é dito  
Tudo de boa fé.  
Ha n'esse teu olhar  
A dôce luz da lua,  
Mas luz que se insinua  
A ponto de abraçar...  
Pareça n'elle sim  
Que ha só doçura, embora:  
Ha fogo que devora...  
Que me devora a mim!  
Que mata, mas que dá  
Uma suave morte;  
Mata da mesma sorte  
Que uma arvore que ha:  
Que ao pé se lhe ficou  
Acaso alguém dormindo  
Adormeceu sorrindo...  
Porém não acordou.

Esse teu seio então,  
Que encantadora curva!  
Como de o vêr se turva  
A vista e a razão!

Como até mesmo o ar  
Suspende a gente logo...  
Pregando olhos de fogo  
Em tão formoso par!

Oh seio encantador,  
Delicioso seio!  
Que jubilo, que enleio  
Libar-lhe o nectar, flôr!

Eu tenho muita vez  
Já visto a borboleta  
Na casta violeta  
Poisar os leves pés:

E n'um enlevo tal,  
N'uma avidez tamanha,  
Que a gente a não apanha  
Com dó de fazer mal!

Pegada á flôr então  
No pé curvinho e molle,  
As azas nem as bole  
Toda sofreguidão!

Poisou... adormeceu!  
Só vê, só ouve e sente  
O calix rescendente  
D'aquelle mel do céu!

Pois vê com que prazer  
E com que ardente sêde  
Te havia... (que não hei-de!...)  
Tambem beijar, sorver!

Mas eu só peço dó,  
Só peço piedade!  
Mata-me a saudade  
Com duas linhas só!

Eu, a não ser em ti  
Achar allivios, onde?  
Escreve-me! responde  
Á carta que escrevi!

Cançado de esperar  
Ás vezes quando sáio,  
Pensas que me distraio?  
Pois volto com pezar!

Concentra-se-me em ti  
A alma de tal modo  
Que esse bulicio todo

Nem o ouvi, nem vi!  
Ninguém te substitue,  
Porque só tu és bella!  
Que estrella a minha estrella,  
E que infeliz que eu fui!  
Mas devo-te suppôr  
Sempre indulgente e boa,  
Escreve-me e perdôa  
Meu violento amor!  
Respeita uma affeição  
Inutil mas sincera.  
Tu és mulher, pondera  
O que é uma paixão.  
Com sangue era eu capaz  
De te escrever; portanto,  
Tinta não custa tanto!  
E não me escreverás?  
Uma palavra, sim,  
Que me não amas... Queres?  
Em quanto me escreveres,  
Tu pensarás em mim!  
Só essa idéa, crê,  
Encerra mais doçura  
Que as provas de ternura  
Que outra qualquer me dê!

Lisboa.

### MALMEQUER

Talvez em eu morrendo a teus ouvidos  
Chegue a noticia, que hoje os factos vôm,  
E oiças então os intimos gemidos  
Que exhalo e te não sôm.

Talvez então, embora me não ames,  
Com esses olhos humidos de fito  
Na minha sombra: «Desgraçado! exclames;  
Amava-me, acredito.

«Levou a vida amando-me: que prova  
Me podia alguém dar de mais ternura,  
Ingrata como eu era! Abri-lhe a cova,  
Cavei-lhe a sepultura!0

«Hei-de regal-a de meu pranto. Julgo  
Do meu dever... agradecer-lhe agora!  
Purificar-me em lagrimas! O vulgo  
Que me censure embora.

«Hei-de ir dispôr um pé de saudade  
Na terra onde elle descançou da lida;  
Mostrar-lhe amor, mostrar-lhe piedade,  
Que não mostrei em vida!»

Se fôres, meu amor! uma perpetua,  
E uma saudade ser-me-hia dôce!  
Mas só perpetua ou saudade, aceito-a,  
E um malmequer que fosse.

Lisboa.

## VIRGINIA

### Para se recitar no theatro do Príncipe-Real

Senhores! vêde o sol; diariamente  
Nasce, cruza esse espaço e, no poente,  
Acaba de brilhar.  
É util, é preciso, é necessario,  
Não é pois inconstante, não é vario;  
É certo, é regular!

Hervas que nutrem, animaes que comem,  
E a imagem de Deus—que falla—o homem,  
Sem essa luz, dizei:  
Vegetavam acaso, existiriam?  
Os echos d'esses valles repetiam  
Alguma voz? O que!...

Seria tudo um ermo escuro e mudo;  
Tudo insensivel, solitario tudo!  
Mas Deus cria essa luz;  
E um mar sem praias de silencio e morte,  
Sêres de toda a casta—toda a sorte,  
Produz e reproduz!

Sim, essa luz benefica converte,  
Por mysteriosa alchimia, frio, inerte,  
Imperceptivel grão

Em tenras hastes, em botões mimosos,  
Folhas, flôres e fructos saborosos  
Que recamam o chão!

Mas julgaes vós agricola sómente  
A mão do creador omnisciente?  
Pergunta singular!  
Basta só vêr a ondeada trança  
Com que elle adorna a virgem que vos lança  
O seu primeiro olhar!

A terra é de côr varia, a planta, verde:  
Porque e para que? O que se perde  
Em ter tudo uma côr?  
O que se ganha em ser tão bem pintada,  
Symetrica, mimosa, perfumada  
Uma ephemera flôr?

É que Deus é artista! e noite e dia  
E céu e terra e mar o denuncia...  
Vêde nascer o sol!  
Pôr-se alta noite a lua encantadora...  
Em quanto ao mesmo tempo canta e chora  
Ao longe o rouxinol!

Deus é artista, sim; Deus ama o bello,  
Mais talvez do que o util. O desvelo  
Com que elle trata a flôr!  
Antes de abrir... que mãi tão carinhosa  
Resguarda, mais solicita que a rosa,  
Um seu botão d'amor!

Nem podia sahir obra incompleta  
Das mãos de Deus: geometra e poeta  
Em summo grau, traçou  
A compasso a abobada celeste;  
Mas de que lindas nuvens a reveste  
Que ao vento tomam vôo!

Creou, de fogo, o sol—o grande astro!  
E creou, não de fogo, d'alabastro  
A sua bella irmã  
—Sombra apenas do sol, desnecessaria,  
Luz phantastica, vaga, solitaria,  
Inutil, fátua, vã...

Mas luz intima! luz do sentimento!  
Luz d'amor e de fé! que inspira alento  
    A nossos corações!  
Unica luz, á qual se mede o fundo  
D'esse concavo mar... d'esse outro mundo...  
    D'esse mundo de soes!

Porque se ao sol deveis fructos e flôres,  
Á lua deveis mais, deveis amores...  
    Deveis... como direi?  
Esta entranhavel, vaga saudade  
De não sei que melhor realidade,  
    Que o mundo que se vê...

Quantas vezes, depois da lida insana  
D'um dia, n'este mar da vida humana,  
    Vendo surgir no céo  
Essa luz melancolica e suave,  
Eu acho então, e com que allivio, a chave  
    D'este mysterio meu!...

D'este amor por phantasticos amores...  
Comtudo mais leaes e duradores  
    Que os d'esse mundo são!  
D'este mundo de sombras... até prestes,  
Sombra tambem, á sombra dos cyprestes  
    Achar satisfação!

E eu digo, digo á lua scismadora  
Com os olhos risonhos de quem chora  
    Pranto consolador:  
Se pois Deus te creou porque eras bella...  
O que vale o sol mais do que uma estrella?  
    Um rei do que um pintor?

Ao vêr-te, dôce lampada, suspensa  
De vaporosa nuvem, n'essa immensa  
    Abodada dos céos,  
Pareces-me o thuribulo sagrado  
Com os rolos de incenso evaporado  
    Em tua honra, oh Deus!

E a minha vista soffrega acompanha  
Esse clarão phantastico á montanha  
    Ou da terra ou do mar,  
Onde, acabada a obra do seu dia,

Astro d'amor e de melancolia,  
Se deita a descansar.

E eu descanso tambem; filha da arte...  
Cumpre-me a mim, oh lua, contemplar-te!  
E pergunte-me alguém:  
—Tu que fazes no mundo, mulher futil?  
—O que Deus faz... na flôr, na lua inutil...  
Sou artista tambem.

Lisboa.

### **PRIMEIRO PSALMO DE DAVID**

Bemdito o que não cahe em se guiar  
Por conselhos de gente depravada;  
E em vendo que vai mal, muda de estrada,  
E nunca se demora em mau lugar;

Que o seu empenho é só unicamente  
A lei de Deus, que estuda noite e dia.  
Como a arvore ao pé d'agua corrente,  
Dá a seu tempo o fructo que devia.

Nunca lhe cahe a folha; empresa sua  
Sahe por força conforme o seu intento;  
Em quanto o impio, o mau trabalha e sua,  
E é sempre como o pó, que espalha o vento!

No tribunal, onde ha-de ser ouvido,  
Não conte com sentença a seu favor;  
Que não entra no numero escolhido  
Dos justos, dos amigos do Senhor.

O justo, Deus bem sabe o seu caminho,  
E guia-o, não o deixa andar sósinho:  
E o caminho do mau, pelo contrario,  
É beco sem sahida e solitario.

Messines.

## SEGUNDO PSALMO DE DAVID

Porque anda o mundo todo enfurecido,  
Se esforços contra Deus são todos vãos?  
Os grandes, mais os reis, deram as mãos  
Contra o Senhor, contra o seu Ungido,

—Estas correntes, é despedaçal-as,  
Este jugo atirar com elle fóra!  
E lá cima no céo, o que lá mora  
Não faz mais que sorrir-se de taes fallas.

Mas em lhe dando a ira, aonde então  
Se hão-de metter, com medo, os desgraçados!  
Coroou-me rei no alto de Sião,  
Cumpre-me publicar os seus mandados.0

«Tu és meu filho; disse-me o Senhor:  
Gerei-te hoje; pedir com confiança!  
Verás o mundo todo ao teu dispôr,  
Terras e povos, como propria herança.

«Vara de ferro para os ir guiando,  
E fazel-os guardar-te obediencia;  
E elles de barro mal cozido e brando  
Que os partas em te oppondo resistencia.»

Agora pois vós outros, reis, juizes,  
Reparai no que eu digo, e vêde lá;  
Servi a Deus, e dai-vos por felizes  
Cumprindo á risca as ordens que elle dá.

Tomai os meus conselhos; ou, senão,  
Tende já como certa a perdição.  
Que em se elle irando, é como um raio; aquelle  
Que o despreza e não crê, infeliz d'elle!

Messines.

## CANTICO DOS CANTICOS DE SALOMÃO

*Para os corações puros tudo é puro.*

S. PAULO A TITO.

## I

### CHEGADA

#### A SULAMENSE

—Tomára já ter o gosto  
De o sentir beijar-me o rosto!

#### CORO DE VIRGENS

—E onde ha mulher que te exceda?  
Só esse collo embebeda.  
O aroma que elle exhala,  
Nenhum balsamo o iguala.

#### 2.º CORO

—O teu nome, fallar n'elle,  
Só fallar n'elle é tão dôce  
Como se um oleo nos fosse  
Escorrendo pela pelle.

#### SALOMÃO

—Olha como todas ellas  
Te estimam tanto, as donzellas.

#### A SULAMENSE

—Sou tua, leva-me, vamos.

#### CORO

—E nós, que te não largamos,  
Te iremos correndo atraz  
Pelo rasto de perfume,  
Que deixas por onde vás,  
Das pomadas com que dás  
No corpo, como é costume.

#### A SULAMENSE

—Já el-rei me manda entrar  
Para a sala do jantar.

### **CORO**

—Para saltar de alegria  
E festejar este dia,  
A nós basta-nos lembrar  
Que esse teu seio embebeda;  
Nem ha mulher que te exceda.

### **2.º CORO**

—Quem te vê seja quem fôr  
Fica bebado d'amor.

### **A SULAMENSE**

—Sou trigueira mas formosa,  
Moças de Jerusalem!  
Senão vêde o pavilhão  
Que arma em campo Salomão,  
Se ha coisa mais preciosa,  
E por fóra a côr que tem;  
Vêde as barracas dos moiros,  
Por dentro tantos thesoiros,  
Por fóra negras tambem.

Não vos dê pois isso pena,  
Ter assim a côr morena:  
Minha mãe mandou-me pôr,  
Por culpa de meus irmãos,  
De guarda á vinha, o calor  
Queimou-me o rosto e as mãos:  
E eu, a vinha, é escusado  
Dizer-vos que nem eu tinha  
Senão agora o cuidado  
De estar a guardar a vinha.

Ah! para que banda vás  
Com o gado, meus amores!  
E pela folga onde estás!  
Bem vês os outros pastores,  
E a gente não adivinha.  
Eu não hei-de andar atraz  
D'esses rebanhos sósinha.

## **SALOMÃO**

—Ah rainha das mulheres!  
Olha como tu te enganas,  
Que medo tens das cabanas,  
Que medo tens dos rebanhos,  
Que medo tens dos estranhos?  
Não te dê isso cuidado,  
Anda por onde quizeres  
Tambem guardando o teu gado.  
Em te vendo, mesmo só,  
Toda a gente se desvia,  
Como da cavallaria  
Dos carros de Pharaó.

## **CORO**

—Dás no rosto certo ar  
D'aquella graça da rola,  
Que até encanta, arrebatá.

A garganta pódes pôl-a  
Ao pé do melhor collar.

## **2.º CORO**

—Um te havemos de nós dar  
De oiro, ás pintinhas de prata,  
Que é lindo, e has-de gostar.

## **A SULAMENSE**

Já não sei pelo que aguardo  
Que estando el-rei a jantar  
Lhe não entorno por cima  
Esta redoma de nardo  
Que é um balsamo de estima.

Mas ha outro mais perfeito,  
E com o qual me perfumeo:  
Eu a myrrha que costume  
Trazer aqui em meu peito,  
É mesmo aquelle a quem amo.  
Nunca apanhei outro ramo  
Nem outro alcanfor colhi

Nas hortas dos arredores  
Da cidade de Engaddi.

### **SALOMÃO**

—Como és bella, minha amante!  
Terá a pomba esse olhar?  
Outro não ha semelhante.

### **A SULAMENSE**

—E quem mais bello e galante  
Mais formoso, meus amores!  
E mais de se cubiçar?

### **SALOMÃO**

—Vês, o nosso leito é este,  
Armado todo de flôres:  
E olha o tecto é de cypreste,  
Portas de cedro, tambem;  
Aqui não entra ninguem.

### **A SULAMENSE**

—Sou a rosa de Sarão,  
A açucena do val.

### **SALOMÃO**

—Amada do coração,  
Entre as mais és tal e qual  
Uma açucena entre espinhos.

### **A SULAMENSE**

—E entre os mais o meu amado  
A que ha-de ser comparado?  
Vês tu no bosque a maceira?  
És assim d'essa maneira.  
Por lograr os teus carinhos  
E boa sombra ha já muito  
Que eu andava a suspirar:  
Com effeito sombra e fructo  
Nada deixa a desejar.

Elle deu-me do melhor  
Que tinha na sua adega;  
Mostrando-me assim primeiro  
Como faz quem tem amor.  
Trazei-me flôres de cheiro,  
Que estou como tonta e cega...  
Algum pomo, que esmoreço...  
Já um braço me elle passa  
Pelos hombros e me abraça  
Pela cinta... desfalleço...  
Ah desfalleço d'amor!

### **SALOMÃO**

—Pela corça e o veado,  
Moças de Jerusalem!  
Não a acordeis, cuidado!  
Deixar dormir o meu bem,  
Um somno bem socegado.

## **II**

### **ENTREVISTA**

#### **A SULAMENSE**

—Quem é que eu oiço bradando?  
Oiço uma voz e por força  
Que é a voz d'elle esta voz:  
Ah! lá vem além saltando  
Montes e valles, nem corça  
Nem veado é mais veloz.

Eil-o detraz da parede  
Além já da outra banda  
E o que elle faz, como elle anda  
A vêr no vallado todo  
E na cancella se ha modo  
De me pôr olho: ora vêde.

### **SALOMÃO**

—Oh minha amada! depressa  
Vem vêr o campo, anda, vem:

Mettida em casa, meu bem!  
Que demora tua é essa?

Foi o inverno passando,  
Até que a chuva acabou:  
Veio a herva rebentando,  
Revestiu a terra toda,  
Chegou o tempo da poda,  
Ouviu-se a rola arrulhando,  
O figo vem já inchando  
E a vinha está já em flôr:  
Pelo que estás esperando?

Quando has-de tu, meu amor!  
Andar então passeando?  
Ouve lá que estamos sós,  
E aqui não ha quem nos oiça:  
Vês esta fresta? é um gosto  
Até pela pedra ensossa  
Vêr assomar o teu rosto,  
Ouvir essa linda voz.

### **A SULAMENSE**

—Toda em flôr, como está bella!  
Mas lá o ter flôr que monta?  
Se as boas das raposinhas  
A tomam á sua conta,  
Depois a uva que é d'ella?  
Bons laços se lhe hão-de armar,  
Que ellas dão cabo das vinhas  
Se ninguem as apanhar.

Tu és meu; e eu tambem  
Sou tua, de mais ninguem.  
Nós somos como um casal  
De corcinhas, com effeito;  
Andamos sempre a vêr qual  
Guarda ao outro mais respeito  
E lhe ha-de ser mais leal.  
Logo ali de manhãsinha,  
Ou pela fresca, á tardinha,  
Quando a corça e o veado  
Volta aos valles de Belher,  
Cá ficas sendo esperado:  
Não te esqueça, haja cuidado,  
Vê lá o que has-de fazer.

### III

## SONHO

### A SULAMENSE

—Não sei bem que sonho tive  
Esta noite, que acordei  
Sobresaltada, e que estive  
Ainda apalpando a cama  
Á busca de quem me ama  
E a quem ama; não achei:  
Levantei-me, rodeei  
A cidade toda em roda,  
Corri a cidade toda,  
Busquei tudo, não achei.  
Na rua pergunto á ronda:  
O meu amante que é d'elle?  
Não ha ninguem que responda.  
Vou andando; a poucos passos  
Vi vir um vulto: é aquelle.  
Chega e digo-lhe depois  
De o apertar nos meus braços:  
Quem se ama como nós dois,  
Só em mudando de estado  
É que vive descansado.  
Anda d'ahi, vamos pois  
Ao quarto mesmo onde dorme  
Minha mãe que me gerou  
(Que eu tua ainda não sou,  
Nem tu és meu, meu amigo!)  
A pedir a nossos paes  
A sua benção, conforme  
Costumam fazer os mais,  
E é já um costume antigo.

### SALOMÃO

—Pela corça e o veado,  
Moças de Jerusalem!  
Não a acordeis, cuidado,  
Deixai dormir o meu bem  
Um somno bem socegado.

## IV

### NOIVADO

#### CORO

—Oh que mulher tão perfeita  
A que vem além andando!  
Vem espalhando um perfume  
E é tão airosa a andar!  
Parece quando se deita  
Incenso e myrrha no lume  
Que se vai desenrolando  
Aquella nuvem no ar.

#### 2.º CORO

—Realmente é de invejar;  
Mas haja alguém que se afoite...  
Sessenta homens armados  
Dos mais desembaraçados  
Manda Salomão ficar  
De vigia toda a noite.

#### CORO

—É tudo á satisfação  
E gosto de Salomão.  
O andor onde elle sai,  
De tudo de que é composto,  
Cedro do Libano, olhai,  
É a coisa mais barata:  
Pernas e braços de prata,  
De oiro o mais fino o encosto;  
Onde põe os pés velludo:  
Não fallando em diamantes  
E pedras as mais brilhantes  
Que lá isso excede a tudo.

#### 2.º CORO

—Além vem já Salomão:  
Lá vem elle já coroado  
Com a corôa do noivado  
Que a mãe lhe poz na cabeça  
Pela sua propria mão.

Hoje é o dia fallado:  
Moços, moças de Sião!  
Assomai-vos já depressa.

## **SALOMÃO**

—Que enlevo, que formosura!  
A pomba não tem de certo  
No olhar tanta doçura:  
E fóra o que anda encoberto.

O cabelo, em quantidade  
E tamanho, é singular;  
E não me lembra senão  
Das cabras de Galaad  
Que lhes rola pelo chão  
Em ellas indo a andar.

Os dentes, em tu abrindo  
A tua boca, que lindo!  
Nem um rebanho d'ovelhas  
Todas brancas e parelhas  
Quando, em sendo tosquiadas,  
Veem saindo do banho  
D'uma em uma, enfileiradas,  
E atraz d'ellas, cada uma  
Seus dois gemeos d'um tamanho,  
Sem ser maninha nenhuma.

Pois a bocca é comparada  
A uma fita encarnada.  
A voz ouvil-a é um gosto:  
Parte a romã pelo meio  
Verás as rosas do rosto;  
E fóra no que eu receio  
Fallar que me não é dado.

O pescoço, pensa a gente,  
Em o vendo de collares,  
Que é a torre exactamente  
De David, n'esses ares,  
De baluartes, e toda,  
Lá cima, escudos á roda.

Os peitos é um casal  
De corcinhas, que o seu pasto  
São açucenas do val:

Nada mais tímido e casto.  
E deitam um cheiro á goma,  
Da myrrha mais do incenso,  
A ponto que ás vezes penso  
Que elles são duas collinas  
Por onde aquellas resinas  
Espalham aquelle aroma.

És formosa sem senão,  
Amada do coração!  
E que fazias tu lá  
Pelo Libano, pombinha!  
Deixa o Libano, anda cá.  
Vaes ser coroada rainha  
No mais alto d'Amaná  
Ou d'Hermão ou de Sanir,  
Onde ha leões e onde ha  
Leopardos... debes vir.

Trespasou-me o coração  
O teu olhar; o cabelo  
Prendeu-me como um grilhão.  
O teu peito, basta vê-lo,  
Para embebedar d'amor.  
E só o cheiro que exhala  
O teu corpo, não ha flôr,  
Não ha rosa, não ha cravo  
Capaz de cheirar melhor.

A tua bocca é um favo  
De doçura quando falla;  
A tua língua, uma sopa  
De leite e mel; essa roupa  
Cheira a incenso, regala.

Não ha nada comparado:  
Água a mais pura e suave  
De fonte fechada á chave,  
Não é mais suave e pura.  
Esse rosto, essa figura...  
E só o bem que tu cheiras!  
Não me parece senão  
Um jardim todo plantado  
De romeiras e maceiras,  
Canfora, nardo, assim como  
Açafrão, canna de cheiro  
Aloes, myrrha e cinnamomo:

O que ha no Libano em fim;  
Não ha fruta nem aroma,  
Que se ahi não cheire e coma.  
És a fonte d'um jardim  
Toda pureza e frescura:  
Torno d'agua que rebenta  
Inda mais viva e mais pura  
Lá no Libano, e ninguem  
Lhe tem mão nem aguenta  
A força com que ella vem.

Fizesse já sul e norte  
No meu jardim, de tal sorte  
Que alegretes e pomares  
Andasse tudo nos ares.

### **A SULAMENSE**

—É natural que tu comas  
Da fruta do teu jardim.

### **SALOMÃO**

—E que duvida que sim?  
Vamos primeiro aos aromas;  
O mel em favo depois  
E mais o vinho e o leite.  
Hoje é dia de banquete,  
Amigos do coração!  
É comer-lhe por quem sois  
E beber-lhe até mais não.

## **V**

### **SURPREZA**

### **A SULAMENSE**

Estava a dormir... que importa?  
Velava o meu coração.  
Oíço o meu amado á porta:

—Ah formosa sem senão,  
Minha pomba, minha amada!

Trago a cabeça molhada,  
E os aneis do meu cabelo  
Todos escorrendo orvalho,  
Estou mais frio que um gelo.

—Dá-me isto agora um trabalho...  
Despi-me, lavei os pés,  
Estou na cama deitada,  
E é uma pena, bem vêes,  
Vestir-me agora outra vez,  
Andar inda levantada.

Vai elle empurra o postigo,  
E eu assusto-me de modo  
Que, na verdade vos digo,  
Tremia-me o corpo todo.

Salto da cama exhalando  
Um cheiro delicioso:  
Eu tinha-me estado untando  
Com um oleo precioso  
E inda as mãos me iam pingando.

Abro a porta, eis senão quando  
Elle foge de repente...

Eu só de lhe ouvir a falla  
Fui ás nuvens de contente.  
E em paga de tudo, abala;  
Bradei-lhe, não me acudiu,  
Vou por essas ruas fóra  
Á busca d'elle, até'gora:  
Parece que o chão se abriu...

Encontro a ronda, espancou-me;  
Um dos da guarda á entrada  
Da cidade, esse, roubou-me  
A capa onde ia embrulhada.

Peço-vos isto por bem,  
Moças de Jerusalem!  
Contai tudo ao meu amado,  
Que elle é por amor de quem  
Estou n'este triste estado.

**CORO**

—O teu amado... responde,  
Formosura sem igual!  
Ha tantos onde escolher  
Que é necessario um signal.  
Qual é o signal por onde  
Havemos de o conhecer?

—Eu vos digo: o meu amado,  
D'aquellas côres no mundo,  
Estou que não ha segundo;  
É muito branco e córado.  
A cabeça é um thesoiro  
Do que ha de mais principal;  
Que a sabedoria vale  
Mais do que a prata e o oiro.

De negro que é o cabelo,  
Vêr um corvo, é mesmo vêl-o.

Os olhos, aquelle olhar,  
Ha n'elles uma doçura,  
Que não sei a que os compare;  
Só sendo a um casalinho  
De pombas, que estão no ninho,  
Todas pureza e candura.

As suas faces rosadas,  
Rescendem como um canteiro  
D'aquellas plantas de cheiro  
De que fazem as pomadas.

A bocca, digo a verdade,  
Que a açucena mais pura  
Cheia da myrrha melhor  
Não apresenta a doçura,  
Pureza e suavidade  
Das fallas do meu amor.

Aquelles dedos, vereis,  
São uns canudos de anneis!

O ventre d'elle é assim  
Como um cofre de marfim.  
As pernas, de musculosas,  
São columnas magestosas  
E de marmore inteiriço  
Em bases de oiro maciço.

É o Libano em altura,  
É como um cedro na matta  
A sua bella figura.

É tão suave, tão pura  
A sua voz, que arrebatá.

Todo elle é singular  
E todo de cubiçar.  
Eil-o ahi retratado,  
Moças de Jerusalem!  
E não só o meu amado;  
O meu amante também.

### **CORO**

—Ah rainha das mulheres!  
Se sabes para que banda  
Elle iria o teu amigo,  
Anda d'ahi, vamos, anda:  
Nós imos todas contigo  
Á busca d'elle se queres.

### **A SULAMENSE**

—Elle parece-me a mim  
Que ha-de andar no seu jardim,  
A apanhar açucenas,  
Que é do que elle gosta apenas.

### **SALOMÃO**

—Oh que formosa, meu bem!  
Não ha cidade afamada,  
Nem Thirsa ou Jerusalem,  
Mais bella que a minha amada.

Mettes mais respeito andando,  
Que um exercito avançando.

Os olhos faiscam fogo.  
Tira de mim essa vista,  
Que ao depois fugi eu logo  
Porque não ha quem resista.

O cabelo, em quantidade  
E tamanho, é singular!  
E não me lembra senão  
Das cabras de Galaad,  
Que o arrastam pelo chão,  
Em ellas indo a andar.  
Os dentes, em tu abrindo  
A tua bocca, que lindo!  
Nem um rebanho d'ovelhas,  
Todas brancas e parelhas,  
Ao vir sahindo do banho  
D'uma em uma, e cada uma  
Seus dois gemeos d'um tamanho,  
Sem ser maninha nenhuma.  
As faces não ha de certo  
Assim casca de romã  
De cor tão linda e tão sã.  
E fóra o que anda encoberto.

És tão formosa, vê lá,  
Que as rainhas são sessenta,  
As concubinas oitenta,  
Donzellas, quem é que as dá  
Todas contadas? ninguém.  
Pois e de quantas possuo,  
A minha pomba, o meu bem,  
A minha mimosa, és tu.  
E o mesmo dizia já  
Lá em casa tua mãe,  
Com tantas filhas que tem.

Quando chegaste, as donzellas,  
Concubinas e em summa  
As rainhas, todas ellas  
Sem excepção de nenhuma,  
Gritaram todas á uma:  
Viva a rainha das bellas!

## VI

### PASSEIO

#### CORO

—Que linda mulher aquella!  
Nem a aurora lhe ganha.  
A lua não é tão bella  
Nem a luz do sol tamanha;  
Mette mais vista só ella  
Que um exercito em campanha.

### **A SULAMENSE**

—Nunca tive um susto igual!  
Ia á horta das nogueiras,  
Ia passear ao valle,<sup>0</sup>  
Vêr se tinha flôr a vinha  
E já romãs as romeiras;  
Mas a multidão que vinha  
Atraz de mim era tal  
Que não vi nada, e tão cedo  
Apanho tamanho medo.

### **CORO**

—Oh não fujas, anda cá,  
Sulamense! deixa vêr  
Belleza como não ha  
No mundo nem póde haver.

### **SALOMÃO**

—Arrebata na verdade,  
Mas como um canto de guerra,  
Porque ao mesmo tempo aterra  
Este ar e magestade.

O teu andar, que nobreza!  
E tem o pé uma graça  
Assim calçado, princeza!

Os joelhos, que perfeitos!  
Não ha ourives que faça  
Eixos de oiro mais bem feitos.  
Umbigo, qual é a taça,  
D'estas taças pequeninas  
Por onde a gente costuma  
Beber bebidas mais finas,  
Tão redondinha? Nenhuma.

É o ventre de tal modo  
Casto e fecundo, que apenas  
Um monte de trigo, todo  
Rodeado de açucenas  
Me parece haver no mundo  
Assim tão casto e fecundo.

O teu seio é um casal  
De corcinhas, que o seu pasto  
São açucenas do val:  
Nada mais tímido e casto!

Lembra-me o pescoço a mim,  
Uma torre de marfim  
E os olhos, esses então  
Os dois lagos de Hesebão.

Vês a torre que aparece  
Lá no Libano, e que diz  
Para Damasco? parece  
Na lindeza esse nariz.

A cabeça vêl-a toda  
Por cima das mais, é bello,  
Como a serra do Carmelo,  
Toda collinas á roda.

O cabelo é tal e qual  
Um grande manto real!

É tudo uma perfeição,  
Amada do coração!

Vêr-te é vêr uma parreira  
Armada n'uma palmeira;  
E lá em cima os teus peitos,  
No tamanho e no feitio,  
Dois cachos d'uvas perfeitos  
Que a parreira produziu.  
E eu disse d'esta maneira:  
Dois cachos d'uvas tão bellos  
Hei-de ir lá cima colhel-os;  
Que bem se vê que a doçura  
Corresponde á formosura;  
E que a tua bocca é pura  
E a respiração é sã

Como o cheiro da maçã  
Quando se apanha madura.

—Como é suave e me encanta  
O que me estás a dizer!  
A voz da tua garganta  
Embebeda como o vinho,  
D'esse que a doçura é tanta  
Que se costuma beber  
Aos sôrvos, devagarinho.

És só meu e eu também  
Sou tua, de mais ninguém.  
Anda com a tua amada  
Morar para o campo, amor!  
Iremos de madrugada,  
Logo ao romper da manhã,  
Em se a gente levantando,  
Vêr se a vinha já tem flôr,  
Se está em flôr a romã  
E se a fruta vai vingando.  
Alli é que eu hei-de então  
Abrir-te o meu coração.

Estamos na primavera,  
A mandrágora já cheira,  
E em minha casa, estar lá,  
É como estar n'uma horta:  
Mesmo ao pé da nossa porta  
Temos quanta fruta ha.  
E o teu quinhão, meu amado!  
Assim do anno passado  
Como da que vem agora,  
Esse está sempre guardado.

Ouvisse-te eu n'esta hora  
Chamar mãe á minha mãe!  
Como se tu com effeito  
Fosses criado ao seu peito  
Assim como eu fui também:  
Então já eu te beijava  
Ás claras e te abraçava  
Sem vergonha de ninguém.

Vamos aonde ella dorme,  
A pedir a nossos paes  
A sua benção, conforme

Costumam fazer os mais,  
E depois seja o que fôr  
É só mandar, meu amor!

Verás como te hei-de dar  
D'um vinho delicioso  
E d'um licor precioso,  
De romã, que has de gostar.

.....  
Um braço já me elle passa  
Pelos hombros... e me abraça  
Pela cinta... o meu amado!  
—Deixai-a dormir, cuidado,  
Moças de Jerusalem!  
Deixai dormir o meu bem  
Um somno bem socegado.

.....

Messines.

\* \* \* \* \*

Ouviste-me não sei quê  
Trincolear n'algibeira,  
Acudiste mui lampeira,  
Que me amavas. Já se vê.

Tens amado mais de mil,  
Não era agora o primeiro.  
Mas pensas que era dinheiro?  
É a pedra e o fuzil.

Messines.

**FIM**